

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE
ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS**

**A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO E
DESEMPENHO ESCOLAR EM ALUNOS DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo
na Escola Municipal de Ensino Fundamental
Padre Gabriel Bolzan**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rosecler Requia

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO E DESEMPENHO
ESCOLAR EM ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Um estudo na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Padre Gabriel Bolzan**

Rosecler Réquia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, curso Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Públicas, Linha de Pesquisa em Inovação e Sustentabilidade na Gestão Pública, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Gestão de Organizações Públicas**.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luciana Flores Battistella

Santa Maria, RS, Brasil

2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Requia, Rosecler

A relação entre a motivação e desempenho escolar em alunos dos anos iniciais do ensino fundamental: Um estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan / Rosecler Requia.-2015.

76 p.; 30cm

Orientadora: Luciana Flores Battistella

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Administração, RS, 2015

1. Motivação intrínseca 2. Motivação extrínseca 3. Desempenho escolar I. Battistella, Luciana Flores II. Título.

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Rosecler Réquia. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: kelly09jo@hotmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL
EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

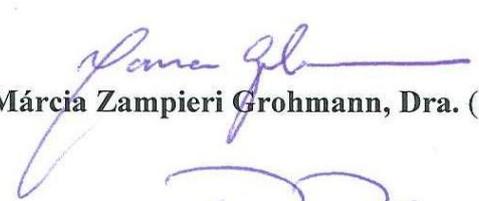
**A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO E DESEMPENHO ESCOLAR
EM ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um
estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan**

Elaborada por
Rosecler Réquia

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Gestão de Organizações Públicas.

COMISSÃO EXAMINADORA


Luciana Flores Battistella, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)


Márcia Zampieri Grohmann, Dra. (UFSM)


Dalva Maria Righi Dotto, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 09 de Abril de 2015.

“Não existem sonhos impossíveis para aqueles que realmente acreditam que o poder realizador reside no interior de cada ser humano, sempre que alguém descobre esse poder algo antes considerado impossível se torna realidade”.

(Albert Einstein)

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar, a Deus por ter me dado sabedoria de poder lidar com as dificuldades da vida, e condições de lutar e alcançar os objetivos pretendidos durante esta jornada.

Durante estes dois últimos anos muitas pessoas participaram da minha vida. Algumas já de longas datas, outras mais recentemente. Dentre estas pessoas algumas se tornaram muito especiais, cada uma ao seu modo, seja academicamente ou pessoalmente; e seria difícil não mencioná-las.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Luciana Flores Battistella que dedicou muito do seu tempo me orientando, embora tivesse outros interesses a resolver. Obrigada pelos ensinamentos, atenção, amizade e dedicação ao longo deste período.

A todos os meus professores que são os maiores responsáveis por eu estar concluindo esta etapa, compartilhando a cada dia os seus conhecimentos conosco.

Aos meus colegas de turma que, além de se tornarem amigos me ensinaram conviver com pessoas diferentes a mim.

A minha mãe Dileta Requia, meu filho Jordano Requia da Silveira e meus irmãos Renato Requia e Renan Requia que, acreditando em mim, sempre me apoiaram e me incentivaram a ir em frente.

Aos demais familiares por me ajudaram, direta ou indiretamente, nesta minha etapa.

Aos colegas da Escola Padre Gabriel Bolzan, por terem apostado em mim. Principalmente a Vera Lúcia Müller, que juntamente com meu marido (in memória) fizeram com que continuasse a trajetória de conclusão deste estudo.

Obrigada a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

Dedico este trabalho a uma pessoa que sempre foi e será exemplo de caráter e dignidade, sempre presente na minha vida: Celso Luis Rosa da Silveira (*in memoriam*).

Celso tenho certeza que de onde você estiver, você está feliz com o meu sucesso. Você permanecerá eternamente em nossas lembranças e, principalmente em nossos corações.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Administração
Universidade Federal de Santa Maria

A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO E DESEMPENHO ESCOLAR EM ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan

AUTORA: ROSECLER REQUIA

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a LUCIANA FLORES BATTISTELLA

Santa Maria, 09 de abril de 2015.

A motivação é de longa data, uma variável reconhecida como de suma importância no estudo do comportamento humano. O estudo desta variável aponta para o fato de que não é possível falar de uma motivação geral, que funcione para todas as situações, mas que se deve levar em conta o contexto a ser analisado. Nesse sentido, pode-se falar em motivação para a educação, motivação atlética, política, entre outras. Assim, a motivação acadêmica é um dos conceitos que exerce influência na aprendizagem e, conseqüentemente, no desempenho escolar dos alunos, por isso o crescente interesse dos profissionais da educação, principalmente dos professores, que visam o crescimento de seus alunos, fazendo-os alcançar os objetivos estabelecidos no planejamento anual. Esta dissertação analisa a motivação voltada ao contexto da aprendizagem escolar com o objetivo de estudar a existência de uma possível relação entre motivação (intrínseca ou extrínseca) e o desempenho escolar em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan. Para os procedimentos metodológicos, realizou-se um estudo descritivo e exploratório. Para a coleta de dados utilizou-se uma escala adaptada de Martinelli (2010), cujo objetivo é verificar a relação da motivação dos estudantes e seu desempenho escolar. Foi utilizado um questionário aplicado a 91 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que respondam aos propósitos da pesquisa. Realizou-se uma reunião com as professoras para apresentação dos objetivos da pesquisa e seu caráter confidencial. Participaram da pesquisa, os alunos cujos pais assinaram o termo de consentimento. A análise dos dados foi realizada com a ajuda do software SPSS (versão PASW Statistics 17.0). A análise dos resultados evidenciou que existe uma relação entre a motivação e o desempenho escolar, concluindo-se que os alunos intrinsecamente motivados apresentam melhor desempenho do que os alunos extrinsecamente motivados. Considera-se deste modo, que a implementação de estratégias na sala de aula que promovam a motivação intrínseca será mais benéfica para o sucesso escolar dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

Palavras-chave: Motivação intrínseca. Motivação extrínseca. Desempenho escolar.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Administração
Universidade Federal de Santa Maria

THE RELATIONSHIP IN BETWEEN MOTIVATION AND SCHOOL'S PERFORMANCE OF STUDENTS OF EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL : A STUDY IN MUNICIPAL ELEMENTARY SCHOOL PADRE GABRIEL BOLZAN.

AUTHOR: ROSECLER REQUIA

GUIDANCE: PROF. [^] DR. [^] LUCIANA FLORES BATTISTELLA
Santa Maria, April 9th, 2015.

Motivation is longstanding, one known as extremely important in the study of human behavior. The study of this variable points to the fact that it is not possible to speak of a general motivation that works for all situations, but we have consider the context in witch it is analysed. That being said, one can speak of motivation for education, athletic motivation, politics, among others. Thus, the academic motivation is one of the concepts that influences the learning and hence the academic performance of students, so the growing interest of the teachers, especially the teachers who are focused at the growth of its students, make them reach the objectives set out in the annual planning. This dissertation analyzes the motivation focused on the school learning environment in order to study the existence of a possible relationship between motivation (intrinsic or extrinsic) and academic performance in students of the early years of elementary school of the School Teaching Primary Father Gabriel Bolzan. For the methodological procedures, there was a descriptive study. To collect data, we used a scale adapted from Martinelli (2010), whose objective is to verify the relationship of student motivation and school performance. A questionnaire administered to 91 students in the early years of elementary school to respond to the research purposes was used. Also held a meeting with the teachers to present the research objectives and its confidentiality. Participated in the survey, students whose parents signed the consent form. Data analysis was performed with SPSS software help (PASW Statistics version 17.0). Descriptive statistics of respondents procedures were used to analyze the level of intrinsic and extrinsic motivation and the performance level of students. The results showed that there is a relationship between motivation and school performance, concluding that intrinsically motivated students perform better than extrinsically motivated students. We consider therefore that the implementation strategies in the classroom to promote intrinsic motivation will be more beneficial to the academic success of students in the early years of elementary school of the School Teaching Primary Padre Gabriel Bolzan.

Keywords: Intrinsic motivation. Extrinsic motivation. School performance.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Histórico dos conceitos de Motivação.....	24
QUADRO 2 – Instrumento de avaliação da motivação acadêmica.....	38
QUADRO 3 – Indicadores para avaliar a motivação intrínseca.....	41
QUADRO 4 – Indicadores para avaliar a motivação extrínseca.	42

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Ano dos respondentes	52
FIGURA 2 – Turno dos respondentes	53
FIGURA 3 – Gênero dos respondentes	54
FIGURA 4 – Idade dos respondentes	55

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Escala Linket utilizada na pesquisa.....	42
TABELA 2 – Ano dos respondentes.....	51
TABELA 3 – Turno dos respondentes.....	52
TABELA 4 – Sexo dos respondentes.....	53
TABELA 5 – Idade dos respondentes.....	55
TABELA 6 – Variáveis da Motivação extrínseca.....	56
TABELA 7 – Variáveis da motivação intrínseca.....	58
TABELA 8 – Desempenho escolar dos alunos.....	61
TABELA 9 – Avaliação do professor ao aluno.....	61
TABELA 10 – Média e desvio padrão motivação extrínseca.....	63
TABELA 11 – Média e desvio padrão motivação intrínseca.....	64
TABELA 12 – Média e desvio padrão avaliação e desempenho escolar.....	65
TABELA 13 – Média geral da MEG e MIG.....	65
TABELA 14 – Correlação das variáveis.....	67

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	75
ANEXO B – Entrevista.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos.....	18
1.1.1 Objetivo geral	19
1.1.2 Objetivos específicos	19
1.2 Justificativa	19
1.3 Estrutura do trabalho	21
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 Motivação	22
2.1.1 Motivação intrínseca.....	26
2.1.2 Motivação extrínseca.....	27
2.2 Motivação e aprendizagem	28
2.3 Motivação e desempenho escolar	32
2.4 Instrumentos de avaliação da motivação acadêmica.....	34
3 MÉTODO DO ESTUDO	40
3.1 Constructos e variáveis investigadas.....	40
3.2. Definição da população-alvo do estudo	43
3.3 Procedimento de coleta de dados	43
3.4 Plano de análise de dados.....	44
4 A ESCOLA E SEUS PROJETOS	45
4.1 Projeto de formação continuada na e da escola.....	45
4.2 Projeto ler para gostar de ler.....	46
4.3 Projeto “Educação Fiscal”	47
4.4 Projeto Informática educacional.....	47
4.5 Projeto Aprendendo com as fábulas	48
4.6 Projeto “Nosso Planeta, Nossa Casa”	48
4.7 Projeto Explorando e desenvolvendo valores para um mundo melhor	49
5 ANÁLISE DA PESQUISA.....	51
5.1 Perfil.....	51
5.2 Análise da distribuição de frequência das variáveis.....	56
5.3 Avaliação da Motivação e Desempenho.....	62
5.4 Correlação entre as variáveis	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	74

1 INTRODUÇÃO

De forma compatível com o seu momento histórico e com sua produção cultural, cada grupo social desenvolve um conjunto de valores relativamente coerentes. Sabe-se que todas as mudanças porque passa a sociedade, exigem por sua vez um sistema educacional renovado; o mercado de trabalho precisará de pessoas mais qualificadas, com mais instrução, criativas, que pensem, que tenham domínio das novas tecnologias, que sejam politécnicas, com conhecimento de cultura geral e com ampla visão de empresa.

Nóvoa (1997) considera que a história da educação é parte integrante da história total e, conseqüentemente, deve abandonar uma perspectiva institucional estrita, de maneira a integrar o conjunto das dimensões econômica, social e política. Para o autor, a perspectiva sócio-histórica não é suficiente para dar conta da complexidade dos processos de mudança de longa duração, de apreender as permanências profundas e os pontos de ruptura das dinâmicas escolares e educacionais. Assinala que, atualmente, a história da educação passa a incorporar outros temas: gênero, dificuldades de aprendizagem, raças, etnias, religiões, culturas locais, motivação, o que a conduz para um outro olhar dos processos de escolarização e o *status* do conhecimento, levando a novas interpretações das relações individuais e coletivas da educação.

A educação pode e tem o papel de contribuir para que as pessoas possam entender a realidade, transformando-a, interagindo e a recriando. Os educadores têm um grande desafio pela frente, que é o de contribuir no resgate de valores que são fundamentais para a preservação da vida dessa sociedade.

Está-se ciente de que uma série de mudanças vem envolvendo as escolas nesse novo milênio. O mercado de trabalho exige não mais a formação de um bom empregado, mas sim de um empreendedor que possa sobreviver em mundo sem empregos; a estrutura familiar requer uma escola que compense as carências na formação de cidadãos e que tudo isso modifica o papel do aluno, do professor, da família e da própria escola.

Para Lipman (1995), se há uma instituição que pode afirmar ser universal esta é, provavelmente, a escola, que independentemente das diferenças culturais, assemelham-se muito.

O espaço escola deve ajudar as pessoas a aprenderem a aprender. As relações que acontecem nesse local devem ajudar a ampliar a visão de mundo de todos os envolvidos com o ato pedagógico. O aluno precisa entender que a busca do saber será significativa, se além de

ajudá-lo a assumir-se como um ser humano, o ajude a driblar as dificuldades do dia-a-dia, a ter uma vida digna.

Para isso, é preciso que se repense a escola, que, hoje, se vê enredada numa teia de necessidades da comunidade que cada vez mais cobra uma aproximação do saber necessário para a vida e o saber que a escola repassa.

A motivação, no contexto escolar, tem sido avaliada como um fato que exerce influência na aprendizagem e, conseqüentemente, no desempenho escolar dos alunos. Por isso o crescente interesse dos profissionais da educação, principalmente professores, que visam o crescimento de seus alunos, fazendo-os alcançar os objetivos estabelecidos no planejamento anual. Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem.

Com o objetivo de aprofundar estudos sobre motivação e desempenho e tendo em vista a realidade vivenciada pela pesquisadora, o presente trabalho estudou tais temáticas junto aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan, com sede no Município de Santa Maria, na Rua Ouro Preto s/n Bairro Camobi – Vila Tonetto, que obteve sua criação pelo decreto nº295 datado em 26 de setembro de 1985. A escola situa-se na Vila Tonetto, próximo a Base Aérea de Santa Maria. Atendem-se, atualmente, os alunos nos turnos da manhã e tarde, 170 crianças, distribuídos em 09 turmas. Nos níveis de Pré A (04) quatro anos, Pré B (05) cinco anos, 1º, 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental. O ambiente sócio, cultural e físico no qual a escola está inserida é bastante satisfatório, haja vista a situação socioeconômica educacional da comunidade. Existe colaboração dos moradores a respeito da escola e participação efetiva dos mesmos, nos eventos sociais e demais atividades educativas promovidas.

As relações da escola com os responsáveis pelos alunos pressupõem sempre responsabilidade e respeito mútuo. Tem-se a participação dos pais nos eventos sociais e educacionais desenvolvidos pela escola, nas tomadas e decisões administrativas pedagógicas e nos projetos e atividades diversos.

A figura do professor tem uma grande centralidade no processo educacional. Entendendo a educação como uma interação entre pessoas, o educador passa a ser um sujeito não só ensinante, mas também aprendente e deve ser reconhecido na sua atribuição. Mais do que valorizado, ele deve ser reconhecido na sua atribuição.

Tem-se hoje um novo tipo de aluno, com novas experiências, que já não aprende mais de forma cartesiana como lhe é ensinado. É um aluno que está submetido a outros apelos, que tem outros valores, diferentes dos nossos. E esse aluno exige muito mais do professor e da escola.

Em relação à aprendizagem dos alunos, a escola em questão está sempre buscando melhorar os índices de ensino e aprendizagem, buscando aperfeiçoamento, formação e atualização dos professores. Destaca-se que a escola incentiva cada vez mais acompanhamento e comprometimento dos pais com as atividades e tarefas diárias dos seus filhos, e também, busca-se mais envolvimento e participação ativa da família na educação; acompanhamento às atividades escolares, limites, valores éticos e morais do ser humano.

Professores e educadores têm manifestado sua preocupação quanto à motivação e o desempenho escolar dos alunos. Tem-se afirmado que um aluno motivado apresenta melhor desempenho se comparado aos demais, em decorrência do investimento pessoal que emprega na tarefa que realiza. No entanto, as pesquisas mais atuais permitiram concluir que a relação entre motivação e aprendizagem não se restringe a uma pré-condição da primeira para a ocorrência da segunda, mas que há uma relação de reciprocidade entre ambas. Dessa forma, a motivação é capaz de produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho, assim como a aprendizagem pode interferir na motivação (MITCHELL, 1992; PFROMM, 1987; SCHUNK, 1991).

De acordo com Martini e Boruchovitch (2001), existe um consenso generalizado entre as pessoas acerca daquilo que se entende por motivação: quando o ser humano está motivado a realizar uma determinada atividade, sua persistência aumenta, bem como o tempo dedicado a essa atividade, mesmo diante de dificuldades ou obstáculos encontrados. Ainda segundo a autora, o sucesso na realização da tarefa aumenta a autoconfiança e a autoestima das pessoas, uma vez que, a partir daí, saberão que podem obter sucesso numa tarefa em que o seu esforço for envolvido.

Os professores, de maneira geral, têm apresentado nestes últimos vinte anos, preocupação com a baixa motivação de alunos pelos estudos, sendo o assunto motivação colocado no centro das discussões pedagógicas, como mostra Bzuneck (2001). O autor afirma que alunos desmotivados apresentam rendimento escolar insatisfatório, estudam pouco e, como consequência, aprendem quase nada; além disso, apresentam crenças distorcidas quanto à sua própria capacidade de realizar tarefas escolares com sucesso e pouco domínio de estratégias de aprendizagem (cognitivas e metacognitivas).

De forma geral, conforme Siqueira e Wechsler, (2006), os estudos realizados sobre motivação para a aprendizagem permitem apontar uma série de fatores que podem avaliar a motivação do estudante: as expectativas e estilo dos professores, os desejos e aspirações dos pais e familiares, os colegas de sala, a estruturação das aulas, o espaço físico da sala de aula, o

currículo escolar, a organização do sistema educacional, as políticas educacionais, e principalmente as próprias características individuais dos alunos.

Refletindo sobre motivação, conhecendo e entendendo os alunos, buscando alternativas significativas e atendendo suas expectativas é que se contribui para a concretização da filosofia da escola: “Educar para que as crianças desenvolvam consciência crítica de suas verdadeiras potencialidades; perceber a educação como um processo contínuo, permanente e integral, fundamentada no compromisso de oferecer aos educados, ensino e aprendizagem significativa e de qualidade, oportunizando aos seus alunos o desenvolvimento da sua autonomia, a ação - reflexão - ação, a criatividade, e a criticidade” (Projeto Político Pedagógico da Escola).

Dessa forma, estudar a relação entre motivação e o desempenho escolar envolve a compreensão de um complexo sistema de fatores que se inter-relacionam, operando em conjunto na motivação do aluno.

Com o intuito de analisar a relação entre a motivação e desempenho escolar, definiu-se o problema de pesquisa do presente trabalho: Como a motivação influencia o desempenho escolar de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan?

Para responder ao problema de pesquisa foi adaptada a Escala para avaliação da motivação escolar de Martinelli (2010), um instrumento de avaliação da qualidade motivacional de estudantes do ensino fundamental, tendo por referência a Teoria da Autodeterminação, que congrega o relacionamento dos construtos motivação e desempenho escolar. Trata-se de uma pesquisa qualidescritiva, na qual foi aplicado um questionário para levantar informações preliminares e descritivas acerca das motivações que estão relacionadas ao desempenho escolar dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

1.1 Objetivos

Para responder ao problema de pesquisa foram elaborados objetivo geral e específicos.

1.1.1 Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre motivação intrínseca e extrínseca e o desempenho escolar em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer os projetos voltados para a motivação dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan;
- Descrever o perfil dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan;
- Analisar os níveis de motivação intrínseca e a motivação extrínseca dos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan;
- Analisar os resultados de desempenho e notas dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

1.2 Justificativa

A aprendizagem está presente no dia-a-dia das pessoas; porém, é nas escolas que essa aprendizagem ocorre de maneira formal. Também, segundo Souza (2008), na maioria das vezes, é nessas instituições de ensino que se identificarão as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças.

Para Piaget (1967) a criança, como o adulto, só executa alguma ação exterior ou mesmo inteiramente interior, quando impulsionada por um motivo e este se traduz sob a forma de uma necessidade. Dessa forma, neste trabalho, a motivação é tratada como um fator fundamental do desempenho escolar, identificando os fatores motivacionais como também de

estratégias de aprendizagem, para que o aluno desperte para o desejo de aprender, se comprometendo com o seu processo e realizando com eficiência sua aprendizagem.

Refletindo sobre a motivação, conhecendo e entendendo os alunos, buscando alternativas significativas e atendendo suas expectativas que se contribui para uma educação favorável ao processo de ensino aprendizagem.

Segundo Lima (2011), a motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, embora, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, estímulos externos ou incentivos, principalmente, vindos de seus professores e colegas, alertando que nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento. O estímulo é algo externo que também impulsiona o indivíduo em determinada direção, fazendo-o agir. Eles podem ser multivariados - por exemplo, de natureza econômica, social, moral ou política. Quanto à escola, pode-se pensar o professor como fonte de estímulo aos alunos, e seu desafio seria o de criar ações concretas que incentivem os alunos a buscar e a realizar. Segundo Bzuneck (2001), em sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno consistem em ele se envolver ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem.

A motivação é considerada fundamental para que ocorra a aprendizagem. É ela que impulsiona o indivíduo a agir de determinada maneira, a buscar novos conhecimentos. A motivação influencia a aprendizagem em sala de aula, bem como o desempenho escolar do aluno. Por essa razão vem se constituindo como objeto de estudo para a psicologia e a educação.

O aluno estará motivado a aprender e adquirir conhecimento, em duas ocasiões, quando ele está preparado para a busca contínua do processo de aprendizagem e quando o estudo é de seu interesse.

Enquanto pesquisadora e gestora da escola em que a pesquisa foi realizada, entende-se a motivação como um fator fundamental do desempenho escolar, identificando os fatores motivacionais, como também de estratégias de desempenho, para que o aluno desperte para o desejo de aprender, se comprometa com seu processo e realize com eficiência sua aprendizagem.

Estudar a motivação humana desafia a buscar explicar porque o ser humano toma decisões quanto a hábitos, atividades e preferências. Refletindo sobre a motivação, conhecendo e entendendo os alunos, buscando alternativas e atendendo suas expectativas que se contribui para um melhor desempenho escolar.

1.3 Estrutura do trabalho

O presente trabalho foi estruturado em seis capítulos: a introdução, apresentada no primeiro capítulo, engloba o problema de pesquisa: tem por finalidade contextualizar o tema da pesquisa, bem como descrever os objetivos específicos à justificativa inerente ao assunto abordado e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo, o referencial teórico que é a parte que fundamenta este trabalho, abordando a conceituação das variáveis envolvidas neste estudo: Motivação e Desempenho Escolar, pesquisas nacionais sobre motivação e sobre desempenho escolar, bem como o modelo teórico da pesquisa.

O terceiro capítulo foi reservado às questões metodológicas, englobando o delineamento da pesquisa. Este capítulo aborda também, os procedimentos da pesquisa que englobam: a descrição da população e os métodos e instrumentos utilizados para coleta e análise dos dados e os aspectos éticos.

O quarto capítulo apresenta projetos voltados para a motivação dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

Após, faz-se, no quinto capítulo, uma análise do caminho metodológico percorrido ao longo do processo desse trabalho monográfico, apresentando resultados do que foi pesquisado.

Segue-se o capítulo seis onde são reveladas as conclusões gerais do estudo de investigação. Por fim, os apêndices e lista de referências bibliográficas. Em anexo segue o questionário aplicado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compor o referencial teórico desse estudo optou-se por trabalhar duas orientações motivacionais, a intrínseca e a extrínseca, sendo essas tratadas não como aditivas, mas interativas. Dessa forma, a motivação intrínseca refere-se à execução de atividades no qual o prazer é inerente à mesma. Já a motivação extrínseca apresenta-se como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades.

Aborda-se a motivação no âmbito educacional, pois professores e alunos precisam de motivação para alcançar o objetivo principal desse processo que é o ensino e a aprendizagem. As pesquisas em torno desse tema buscam torná-lo um fator para o aprendizado na sala de aula, como uma ferramenta importante que contribuirá para o desempenho escolar.

2.1 Motivação

Consideram-se, hoje, os estudos sobre o comportamento humano uma das áreas mais complexas para a pesquisa, dentro e fora das organizações. Para Regis Filho e Lopes (1996) o nível de motivação e satisfação das pessoas está entre as variáveis causais mais importantes dos aspectos comportamentais do ser humano, uma vez que cada um de nós é dotado de um índice significativo desses aspectos.

Conforme Bergamini (1997), o termo motivação é geralmente empregado como sinônimo de forças psicológicas, desejos, impulsos, instintos, necessidades, vontade, intenção etc. De fato, é válido salientar que todos os termos usados indicam movimento de ação, onde ao se estudar os comportamentos das pessoas descobre-se que certa força impele as mesmas a agirem, mesmo que seja no sentido de buscar ou fugir de determinadas situações. Certos fatores são internos ao indivíduo, inscritos desde seu nascimento.

O ser humano não é um ser estático e impassível à espera que o mundo à sua volta se modifique para que suas necessidades e desejos sejam supridos. Conforme Bergamini (1997), ele está em permanente movimento de construção e renovação de si mesmo, impulsionado por

desejos e necessidades a fim de garantir não só a sua sobrevivência, mas a sua identidade humana. Dessa forma, o homem raramente está satisfeito consigo mesmo e com seu nível de realização pessoal a cada degrau galgado na vida. A motivação sempre estará presente caracterizando o homem como um ser inacabado e em busca de algo

Por não ser um conceito observável, o estudo da motivação deu origem a várias teorias baseadas em diversos enfoques, embora, segundo Chiavenato (1999), haja o consenso entre os diversos autores que pesquisam o tema de que motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma, ou pelo menos, que dá origem a um comportamento específico. Esse impulso, ou comportamento, é estimulado, ou motivado, por estímulos externos (provindos do meio) e também pode ser provocado dentro dos processos mentais da pessoa. Neste sentido, pode-se dizer que a motivação se relaciona com a cognição da pessoa, ou seja, por aquilo que ela pensa, sente, acredita e vê. Assim, se for perguntado a uma pessoa sobre os motivos que a levaram a agir de determinada forma, ou por que suas escolhas se orientam para tais objetivos e não outros, geralmente, suas respostas serão traduzidas em termos de necessidades, desejos, receios.

A seguir foram reunidos vários conceitos do tema motivação, para que haja um entendimento do que será o objeto dessa pesquisa (Quadro 1).

continua

ANO	AUTOR	CONCEITO
1986	Murray	É um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa.
1990	Garrido	A motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. A questão motivacional talvez explique porque alguns estudantes gostam e aproveitam a vida escolar, apresentando comportamentos adequados, adquirindo novas capacidades e desenvolvendo todo o seu potencial, enquanto que outros parecem pouco interessados, muitas vezes fazendo as atividades por obrigação, ou de forma relaxada e, em alguns casos, odiando boa parte da vida escolar.
1995	Bergamini e Coda	Consideram a motivação um impulso que vem de dentro, isto é, que tem suas fontes de energia no interior de cada pessoa. No entanto, os impulsos externos, do ambiente, são condicionantes do comportamento de cada indivíduo, o que também afeta o nível motivacional.
1997	Bergamini	Se no início do século, o desafio era descobrir aquilo que se deveria fazer para motivar as pessoas, mais recentemente tal preocupação muda de sentido. Passa-se a perceber que cada um já traz, de alguma forma, dentro de si, suas próprias motivações. Aquilo que mais interessa, então, é encontrar e adotar recursos organizacionais capazes de não sufocar as forças motivacionais inerentes às próprias pessoas.
2000	Lieury e Fenouillet	A motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a

ANO	AUTOR	CONCEITO
		pessoa está, mais persistente e maior é a atividade”.
2000	Maximiano	A palavra Motivação indica o processo pelo qual um conjunto de razões ou motivos explica, induz, incentiva, estimula ou provoca algum tipo e ação ou comportamento humano. Motivação, em suma, é o que faz alguém ou algo se movimentar. No cotidiano, vários são os fatos que geram motivações.
2002	Pintrich e Schunk	O termo “Motivação” (do Latim <i>moveres</i> , mover) refere-se em psicologia, em etologia e em outras ciências humanas à condição do organismo que influencia a direção (orientação para um objetivo) do comportamento. Motivação é, pois, um construto e se refere ao direcionamento momentâneo do pensamento, da atenção, da ação a um objetivo visto pelo indivíduo como positivo. Esse direcionamento ativa o comportamento e englobam conceitos tão diversos como anseio, desejo, vontade, esforço, sonho, esperança entre outros.
2005	Câmara	A motivação, normalmente aplicável a qualquer tipo de atividade humana, é fornecida pela própria origem da palavra que vem do verbo latino <i>movere</i> , cujo tempo <i>supino motum</i> e o substantivo <i>motivum</i> , do latim tardio, deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é motivo. Assim o motivo, ou a motivação é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso.
2005	Chiavenato	Motivação é um processo que começa com uma deficiência fisiológica ou necessidade que ativa um comportamento ou com um impulso orientado para um objetivo ou incentivo. A chave para compreender o processo de motivação reside no significado e no relacionamento entre necessidades, impulsos e incentivos.
2009	Dicionário Aurélio	A motivação humana tem sido um dos temas mais estudados e debatidos nas práticas organizacionais. Ela é o efeito de gerar coisas, motivos, sentidos ou razões para fazer com que o ser humano seja mais feliz em suas relações. É o mecanismo que estimula, caracteriza e antecipa fatos. Um conjunto de motivos gera um conjunto de ações (motivo + ação = motivação). A palavra motivação vem do latim <i>movere</i> , que significa “mover”.

QUADRO 1 – Histórico dos conceitos de Motivação

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa pesquisa adota-se Pintrich e Schunk (2002) por considerarem que um conceito de motivação deveria englobar alguns elementos: a noção de "processo", ou seja, a motivação é um processo e não um produto, dessa forma não pode ser observado diretamente, mas pode ser inferida a partir de alguns comportamentos. As metas têm a função de oferecer um ímpeto para a direção da ação do sujeito, e cujo ponto principal seria o de que os indivíduos sempre têm algo em mente, que buscam atrair ou evitar ao realizar uma ação; a necessidade de uma atividade física (esforço, persistência e outras) e/ou mental (ações de natureza cognitiva como o pensar, planejar, avaliar, etc.) e por fim, o último elemento seria relacionado ao fato da motivação iniciar e sustentar uma ação.

Segundo o Dicionário Aurélio (2009), a palavra mover significa: “Dar ou comunicar movimento a alguma coisa ou algo”. Motivação é um tópico muito estudado pela psicologia,

para saber o que faz com que as pessoas se comportem da maneira que fazem, de onde sai a motivação, e o que ocorre quando as pessoas não são motivadas. A motivação é avaliada em certos tratamentos psicológicos em que é imprescindível medir a disposição real que um indivíduo tem para iniciar um tratamento.

As necessidades humanas, as chamadas forças impulsionadoras, determinam a motivação. A influência dessas necessidades, segundo Chiavenato (2005) varia de pessoa para pessoa e geram comportamentos diferenciados. Uma mesma pessoa pode apresentar variações de suas necessidades e valores no decorrer do tempo.

A motivação caracteriza-se por não ser transferível de uma pessoa para outra, ou seja, uma pessoa altamente motivada não consegue contagiar os que estão ao seu redor, de forma automática. Isso ocorre porque o que leva uma pessoa a agir de uma determinada forma não necessariamente tenha o mesmo valor, a mesma importância para outra pessoa, daí o que motiva um indivíduo não ter o mesmo efeito em outro indivíduo, ou se surte algum efeito muito provavelmente não será na mesma intensidade.

Para Bergamini (1997) a motivação nasce das necessidades humanas e não das coisas que satisfazem essas necessidades. Entende, portanto, que ninguém pode jamais motivar ninguém, pois não se tem condições de colocar necessidades em quem quer que seja.

Já Piaget (1998) conceitua motivação como a procura por respostas quando a pessoa está diante de uma situação que ainda não consegue resolver. A aprendizagem ocorre na relação entre o que ela sabe e o que o meio físico e social oferece. Sem desafios, não há por que buscar soluções. Por outro lado, se a questão for distante do que se sabe, não são possíveis novas sínteses.

Segundo Vygotsky (1989), a cognição tem origem na motivação, mas ela não brota espontaneamente, como se existissem algumas crianças com vontade – e naturalmente motivadas – e outras sem. Esse impulso para agir em direção a algo é também culturalmente modulado. O sujeito aprende a direcioná-lo para aquilo que quer, como estudar.

Na tentativa de compreender como os determinantes motivacionais influenciam as atitudes e comportamentos dos indivíduos e, também, de revelar como o ambiente pode interferir no comportamento humano, Deci e Ryan (1981), criam a Teoria da Autodeterminação, delineando variáveis capazes de serem operacionalizadas, tendo como foco diversas áreas do conhecimento, como saúde, educação, bem estar psicológicos, entre outros.

As bases dessa teoria situam-se no estudo dos componentes de motivação intrínseca e de motivação extrínseca. Os motivos intrínsecos, conforme Deci e Ryan (1985) resultam da

própria vontade do indivíduo; é uma forma de pensar e agir que cada ser humano traz dentro de si. Os motivos extrínsecos dependem dos fatores externos.

As pesquisas sobre o tema evoluíram e Deci e Ryan (2008) propõem que as denominações “motivação intrínseca” e “motivação extrínseca” já não contemplam todos os níveis de motivação humana. A teoria da Autodeterminação propõe a existência de dois tipos de motivação, que são caracterizadas diferentes níveis de autodeterminação: motivação intrínseca e motivação extrínseca que, juntas com a desmotivação, formam um *continuun* de autodeterminação.

A desmotivação e a motivação intrínseca são tidas como polos opostos do *continuun*, os quais variam qualitativamente segundo a internalização das regulações externas para o comportamento. Os autores afirmam que as pessoas necessitam se sentirem competentes e autodeterminadas para estarem intrinsecamente motivadas e propõem o conceito de “necessidades psicológicas básicas”, apontadas como determinantes do comportamento intrinsecamente motivado.

Sendo que a aprendizagem depende de motivos internos e externos, pode-se dizer que sem esses ela não acontece. Faz-se a seguir uma abordagem desses motivos, apontando a importância dos mesmos no processo de aprendizagem. Sendo assim, começa-se por entender o que é motivação intrínseca.

2.1.1 Motivação intrínseca

A motivação intrínseca, que tem origem em fatores internos ao indivíduo, relaciona-se com a sua forma de serem, os seus interesses, os seus gostos. Conforme Deci e Ryan (2000) é o fenômeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo considerada a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. Configura-se como uma tendência natural para buscar novidade, desafio, para obter e exercitar as próprias capacidades. Refere-se ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação.

Neste tipo de motivação não há necessidade de existir recompensas, visto que a tarefa em si própria representa um interesse para o sujeito, algo que ele gosta ou está relacionado com a forma de ele ser. Este tipo de motivação é constante, visto que depende unicamente do sujeito e não de fatores externos. A tarefa deixa de representar uma obrigação, um meio para

atingir um fim (recompensa), para representar um fim em si próprio. A motivação intrínseca está relacionada com a felicidade e com a realização pessoal.

Para Câmara (2005) a motivação intrínseca é a escolha e realização de determinada atividade por esta ser interessante, atrativa ou que gere satisfação. Tal empenho é considerado espontâneo e autotélico fazendo com que a participação na tarefa seja a principal recompensa.

A motivação intrínseca é compreendida, segundo o autor, como sendo uma tendência inata e natural dos seres humanos, envolve interesse individual e exercício de sua capacidade. É importante propulsor da aprendizagem, adaptação e crescimento nas competências que caracterizam o desenvolvimento humano e mesmo sendo forte e persistente essa orientação educacional é vulnerável às forças ambientais. Envolver-se numa atividade por razões intrínsecas gera maior satisfação e há indicadores de que esta facilita a aprendizagem.

Os autores Boruchovitch e Bzuneck (2001) consideram a competência, que é a capacidade do organismo interagir satisfatoriamente com o seu ambiente, o primeiro fator da motivação intrínseca.

Câmara (2005) considera que quando a satisfação de uma necessidade nos dá prazer inerente à própria ação envolvida, está-se diante de uma motivação intrínseca, ou seja, quando um aluno tem vontade de aprender algo, isso por si só é a sua motivação para aprender. Quando ele satisfaz essa necessidade, aprendendo o que queria, essa ação gera prazer e ao mesmo tempo serve como recompensa e cria nova motivação para aprender mais. Porém, quando a satisfação é apenas consequência da ação, está-se diante de uma motivação extrínseca.

2.1.2 Motivação extrínseca

A abordagem aqui alcança o outro fator do termo motivação. Como já se sabe a motivação é um termo que se divide em dois fatores, sendo um interno e o outro, externo. O fator motivacional externo é provocado por situações através de interação do indivíduo com o meio em que habita, por situações externas a ele.

Para Tapia (1997) a motivação extrínseca está relacionada com metas externas, ou seja, com situações em que a conduta se produz com a finalidade de apenas se receber uma recompensa ou se evitar qualquer punição ou castigo. O sujeito está preocupado apenas com a sua imagem.

Segundo Boruchovitch e Bzuneck (2001) a motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta algo externo á tarefa ou a atividade, como a obtenção de recompensas materiais ou sociais de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas, ou para demonstrar competências ou habilidades.

Na motivação extrínseca, segundo Siqueira e Wechsler (2008) o controle da conduta é decisivamente influenciado pelo meio exterior, não sendo os fatores motivacionais inerentes nem ao sujeito nem à tarefa, mas simplesmente o resultado da interação entre ambos.

Conforme Elói (2012) a motivação extrínseca tem origem em fatores externos ao indivíduo, como qualquer recompensa monetária. O indivíduo faz a tarefa para ser recompensado ou para não ser castigado. A punição ou a recompensa é o “combustível” que faz mobilizar o sujeito. E, quando retirado, o sujeito vai deixar de se mobilizar, de estar motivado, visto que não tem nada a ganhar nem a perder se não executar a tarefa. É um tipo de motivação muito inconstante, visto que depende de fatores externos. O indivíduo não gosta da tarefa em si, mas gosta da recompensa que a tarefa ao ser executada lhe pode trazer, o que implica necessariamente pouca satisfação e prazer na execução da tarefa.

Embora a motivação extrínseca se apresente menos elaborada do que a motivação intrínseca, na concepção de Boruchovitch e Bzuneck (2001), é ela quem mais predomina no contexto escolar por ser de fato, a que está voltada para trabalhar algo externo á tarefa ou atividade como obtenção de recompensas materiais ou sociais.

2.2 Motivação e aprendizagem

A motivação tem sido tema para discussão entre psicólogos, filósofos e educadores. A maioria dos autores situa a motivação apenas entre os aspectos intrínsecos ou extrínsecos na tentativa de desvendar se o que move a pessoa são os impulsos internos –como gostos, querereres, intenções, aptidões, peculiaridades fisiológicas – ou os influxos– como externos ao ambiente, técnicas de condicionamento, métodos de ensino mais estimulantes, etc. No entanto, estas duas perspectivas parecem não contemplar aspectos fundamentais como, por exemplo, a formação dos conceitos de motivação, isto é, o que o indivíduo entende como motivação e como se dá o processo de desenvolvimento da motivação.

A motivação, e a falta dela, são assuntos muito discutidos também nas organizações educacionais. A motivação escolar, ou seja, a capacidade de motivar cada elemento de uma

escola é essencial para o seu sucesso. Motivação e liderança são conceitos que estão intimamente ligados. Um bom líder/professor deve estar motivado e ao mesmo tempo, deve ser capaz de motivar seus alunos.

Ao pensar em motivação para a aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar. De forma geral, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente escolar estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas. Devido a estas características, alguns autores como Brophy (1983) e Bzuneck (2002) acreditam que aplicar conceitos gerais sobre motivação humana no ambiente escolar não seria muito apropriado sem a consideração das singularidades deste ambiente.

Sem motivação não há aprendizagem. Segundo Piletti (1993) pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem.

Para Garrido (1990) a questão motivacional talvez explique porque alguns estudantes gostam e aproveitam a vida escolar, apresentando comportamentos adequados, adquirindo novas capacidades e desenvolvendo todo o seu potencial, enquanto que outros parecem pouco interessados, muitas vezes fazendo as atividades por obrigação, ou de forma relaxada e, em alguns casos, odiando boa parte da vida escolar.

A motivação enquanto interesse situacional (motivação extrínseca), segundo Skinner (1991) é explicada como sendo um estado emocional provocado por estímulos situacionais específicos que levam os alunos a se engajarem intencionalmente nas atividades escolares, procurando atingir os objetivos propostos, através da utilização de recompensas ou pressões para aumentar a ocorrência desses comportamentos. Nesse caso, a motivação está diretamente relacionada à quantidade de privação do organismo, sendo que os comportamentos emitidos para aliviar a privação são fortalecidos pelo reforçamento.

Conforme Lima (2000), os alunos que apresentam motivação intrínseca para aprender orientam-se para as tarefas com expectativas de sucesso e agem na esperança de atingir o objetivo livres de distrações e de ansiedade negativa. Como não temem o fracasso, não se frustram facilmente diante dos insucessos, geralmente relacionando-os a fatores que podem ser mudados ou superados, como por exemplo: nível de dificuldade da tarefa ou necessidade de maior esforço pessoal. E quando alcançam o sucesso atribuem a si a responsabilidade do êxito, valorizando a sua capacidade e competência na realização da tarefa.

Conforme Pajares e Schunk (2001), apud Guimarães e Boruchovitch (2004), a escola representa para sociedade uma fonte socializadora de grande impacto na vida das pessoas. Para que a aprendizagem ocorra é necessário promover entre os estudantes o interesse genuíno, entusiasmo pela aprendizagem com objetivo do desempenho escolar. O interesse pelo processo do aprender favorece a formação de conhecimento qualificado, disponibilizando o sujeito para o desafio em busca de satisfação.

A motivação, para Ausubel (2003) é uma disposição, que está diretamente relacionada às emoções suscitadas pelo contexto. Pela perspectiva de Ausubel, (2003) o prazer, mais do que estar na situação de ensino ou mediação, pode fazer parte do próprio ato de aprender. Trata-se da sensação boa que a pessoa tem quando se percebe capaz de explicar certo fenômeno ou de vencer um desafio usando apenas o que já sabe. Com isso, acaba motivada para continuar aprendendo sobre o tema.

Diversos estudos ressaltam a importância da motivação, do conhecimento e das condições ambientais para o desenvolvimento do potencial criativo dos alunos. Neste sentido, a motivação para aprender e o clima de sala de aula são fatores essenciais que contribuem para o desempenho escolar. No Brasil, existem poucos estudos que investigam a inter-relação entre o desenvolvimento do potencial criativo e da motivação para aprender, considerando seus possíveis reflexos no desempenho escolar dos alunos.

Segundo Lima (2011), o professor deve descobrir estratégias, recursos que façam com que o aluno queira aprender deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado a aprender. Ao estimulá-lo, o educador estará desafiando-o à aprendizagem, buscando os motivos que provocam o seu interesse para aquilo que vai ser aprendido.

É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. Para Lima (2011), o desejo de realização é a própria motivação. Assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno.

Segundo a mesma autora, a motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, embora, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, estímulos externos ou incentivos, principalmente, vindos de seus professores e colegas, alertando que nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha um bom desempenho.

O processo de ensino-aprendizagem, que é o tema central do trabalho docente, é um processo dinâmico de comunicação entre educador e educando. Essa comunicação é recíproca e supõe uma interação constante entre ambos. É dessa interação que resultam a aprendizagem. Isto se não surgir nenhum obstáculo à ação educativa.

Pode-se dizer que a criança está pronta para aprender, quando ela apresenta um conjunto de condições, capacidades, habilidades e aptidões consideradas como pré-requisitos para o início de qualquer aprendizagem. Ao se falar em prontidão, não se refere apenas a uma habilidade, mas a um conjunto de habilidades que a criança deverá desenvolver de modo a se tornar capaz de executar determinadas atividades. A aprendizagem, então, será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito.

E, conseguir enxergar as características pessoais de cada educando é um dos grandes desafios do dia-a-dia na sala de aula. Mas é condição indispensável para que o ato de ensinar seja eficaz, pois os conteúdos só fazem sentido quando estão ligados aos interesses dos estudantes.

Segundo Fernández (2001), geralmente, as dificuldades que as crianças encontram no processo educacional não são entendidas como tal, mas como uma falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça, e distração. Estas ideias fazem com que pais e professores, não respeitem os obstáculos educacionais que as crianças encontram e, estas acabam sendo rotuladas de “más alunas”, sofrendo punições devido aos seus fracassos constantes.

Sendo a aprendizagem, um processo pessoal, individual, as diferenças individuais levam alguns indivíduos serem mais lentos na aprendizagem, enquanto outros, mais rápidos. É urgente que se busque um processo educacional mais voltado para o aluno, para um aprendizado mais significativo. Saber como a aprendizagem acontece.

Para Piaget (1998), embora exista um curso precursivo da sequência pela qual as capacidades de lógica e de raciocínio surgem, o ritmo pelo qual estas capacidades aparecem varia de um indivíduo para outro e que estas variações podem ser dramáticas e podem ter implicações importantes para a aprendizagem e desempenho da criança.

Assim sendo, pode-se afirmar que condição cognitiva de aprendizagem é a presença de estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento e que as condições internas para a aprendizagem são as que definem o sujeito. A aprendizagem, então, será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito.

2.3 Motivação e desempenho escolar

A Motivação é um dos conceitos fundamentais da Psicologia que exerce influência na aprendizagem e conseqüentemente no desempenho escolar dos alunos, por isso o crescente interesse dos profissionais da educação principalmente professores, que visam o crescimento de seus alunos, fazendo-os alcançar os objetivos estabelecidos no planejamento anual.

Quando se pensa em motivação e desempenho escolar é preciso considerar as características do ambiente. De forma geral, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente escolar estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas. Devido a estas características, alguns autores acreditam que aplicar conceitos gerais sobre motivação humana no ambiente escolar não seria muito apropriado sem a consideração das singularidades deste ambiente.

O interesse pelos aspectos motivacionais no desempenho escolar é relativamente novo, as teorias antigas restringiam a motivação a uma pré-condição importante. Atualmente, as pesquisas realizadas permitiram concluir que a relação entre desempenho escolar e motivação vai além desta pré-condição, ela é recíproca, dessa forma, a motivação pode produzir um efeito no desempenho escolar, assim como o desempenho pode interferir na motivação.

Para Garrido (1990) a questão motivacional talvez explique porque alguns estudantes gostam e aproveitam a vida escolar, apresentando comportamentos adequados, adquirindo novas capacidades e desenvolvendo todo o seu potencial, enquanto que outros parecem pouco interessados, muitas vezes fazendo as atividades por obrigação, ou de forma relaxada e, em alguns casos, odiando boa parte da vida escolar.

O sucesso do aluno no processo de ensino aprendizagem, segundo Bzuneck (2001) pode ser afetado por uma gama ampla e complexa de fatores que podem, mais tarde, resultar num panorama de fracassos e frustrações para professores e alunos. Dentre tais fatores, merecem atenção os aspectos psicológicos, os estados afetivos e motivacionais, reconhecidos como fatores relevantes que influenciam o sucesso e o fracasso escolar, especialmente no caso de alunos que, embora possuam capacidades intelectuais médias ou acima da média, apresentam um baixo rendimento escolar.

Conforme Guimarães e Boruchovitch (2004), um aluno motivado encontra-se envolvido com o processo de aprendizagem, buscando desenvolver habilidades para

compreensão e domínio, através de buscas de estratégias, desenvolvendo novas habilidades e principalmente orgulhando-se dos resultados alcançados.

Destaca-se assim a importância da motivação no desempenho escolar, sendo possível notar que a motivação predispõe a pessoa à ação desejada, promovendo que ela busque e conquiste o conhecimento. Pode-se dizer que sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem uma porção de outros recursos. Mas mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem.

No entanto, de acordo com Siqueira (2006), quando se pensa em motivação para a aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar. De forma geral, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente escolar estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas.

Para Rossini e Santos apud Martinelli (2009), o desempenho escolar insatisfatório tem sido um dos temas mais discutidos e explorados pela literatura científica, sendo possível constatar que, apesar de não ser uma problemática nova, trata-se de uma questão não resolvida. O fracasso escolar, tanto em relação às dificuldades de aprendizagem, quanto à inadequação da criança às normas escolares deve ser considerado como parte de uma trama de inter-relações que também deve levar em conta as condições familiares, as características do professor e da escola e o contexto social mais amplo, que os engloba e determina.

A motivação no ambiente é um dos fatores que bem analisados pode explicar o fracasso escolar e a ausência do desenvolvimento, tanto quanto pode favorecer a melhoria da evolução educacional. Na concepção neurológica a motivação ativa o cérebro proporcionando um comportamento favorável à aprendizagem, mas em si a motivação pode se estabelecer por forma interna ou externa. Algumas teorias como o behaviorismo e o humanismo podem exemplificá-las. Um fator fundamental para que haja a motivação é o objetivo, a razão para a pessoa agir. Há dois tipos, o objetivo de aprendizagem e o objetivo de desempenho. Os tipos de objetivos é que estabelecem a influência e a quantidade de motivação que a pessoa dedica para agir.

Professores e educadores têm manifestado sua preocupação quanto à motivação dos alunos, tendo em vista o pouco ou nenhum envolvimento nos estudos. O que conforme Martinelli (2009) tem-se afirmado que um aluno motivado apresenta melhor desempenho se comparado aos demais, em decorrência do investimento pessoal que emprega na tarefa que realiza.

O interesse pelos aspectos motivacionais na aprendizagem é relativamente novo, as teorias antigas sobre a aprendizagem restringiam a motivação a uma pré-condição importante. Atualmente, as pesquisas realizadas permitiram concluir que a relação entre aprendizagem e motivação vai além desta pré-condição, ela é recíproca, dessa forma, a motivação pode produzir um efeito na aprendizagem e no desempenho assim como a aprendizagem pode interferir na motivação.

Diante disso, a escola deve possibilitar ao aluno seu envolvimento no processo educativo, permitindo enfrentar tarefas desafiadoras e cobrando o empenho e a perseverança do mesmo. A maneira como a criança se percebe, influi em sua capacidade de aprender.

Neste sentido, faz-se necessária a presença da motivação nas instituições de ensino, não só motivação dos alunos, mas também motivação de professores e profissionais envolvidos no processo educativo, a fim de que obtenhamos maior prazer em aprender e melhores resultados na hora de ensinar. Alunos motivados mostram melhores desempenhos; professores motivados demonstram maior envolvimento.

2.4 Instrumentos de avaliação da motivação acadêmica

As pesquisas, segundo Martinelli e Bartholomeu (2008), têm utilizado como indicadores para avaliar a motivação intrínseca, em relação à aprendizagem escolar, (a) a curiosidade para aprender, (b) a persistência dos alunos nas tarefas – mesmo frente às dificuldades – (c) o tempo despendido no desenvolvimento da atividade, (d) a ausência de qualquer tipo de recompensa ou incentivo para iniciar ou completar a tarefa, (e) o sentimento de eficácia em relação às ações exigidas para o desempenho, (f) o desejo de realizar aquela atividade particular e, finalmente, a combinação de todas as variáveis apontadas.

Por outro lado, a motivação extrínseca apresenta-se como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades (FORTIER, VALLERAND e GUAY, 1995; AMABILE, HILL, HENNESSEY e TIGH, 1994; HARACKIEWICZ e ELLIOT, 1993; SANSONE, 1986; MANDERLINK e HARACKIEWICZ, 1984). O aluno extrinsecamente motivado busca uma tarefa escolar para melhorar suas notas ou receber recompensas e elogios e/ou evitar punições.

No entanto, Hughes, Redfield e Martray (1989) ressaltam que a motivação tem sido negligenciada nos estudos relacionados à realização acadêmica. Isso se deve ao fato de existirem poucos instrumentos psicométricos para mensurar a motivação para a realização acadêmica de crianças e adolescentes. Isso é ainda mais verdadeiro quando se volta para a realidade brasileira. Embora os professores apontem com bastante veemência a motivação como um dos pilares do ensino e identifiquem a sua ausência nos alunos, esta tem sido muito pouco investigada. Os estudos tem se centrado basicamente na discussão teórica do tema e poucos dados empíricos estão disponíveis na literatura nacional (Quadro 2).

Época	Pesquisador	Instrumento de avaliação da motivação acadêmica
1974	Banerjee	Desenvolveu um questionário de 80 itens e verificou diferenças entre alunos com alta e baixa motivação. A análise de <i>Qui-Quadrado</i> revelou que 48 itens discriminaram bem os dois grupos em relação a suas respectivas áreas de estudo quanto ao desejo de desempenho na escola, o entusiasmo para tentar e o uso da competição.
1976	Ory e Poggio	Apresentaram a construção de uma escala de motivação para o desempenho acadêmico pontuado objetivamente. Os itens foram desenvolvidos com as respectivas chaves de correção baseadas em resultados empíricos encontrados em uma revisão da literatura de motivação para o desempenho e o instrumento constituído para a aplicação inicial apresentava 153 itens. A análise de componentes principais e rotação varimax forneceram 14 fatores identificados como dimensões psicológicas da motivação para o desempenho. Esses resultados indicaram que o motivo para o desempenho não é um constructo unidimensional, mas deriva de outras características específicas dos estudantes.
1979	Lorr e Brazz	Construíram quatro escalas com base no "Orientation and Motivation Inventory", aplicando os itens em 159 garotos e 166 meninas. Esses foram analisados por meio da análise de componentes principais com rotação varimax. Entre os resultados, foram identificadas 11 fatores para os meninos e 10 para as meninas. A análise fatorial de segunda ordem também renderam cinco fatores para meninos e meninas. Esses fatores refletem, busca por status, crença no próprio potencial, busca e ajuda a pessoas, interesses teóricos e preferência por assumir riscos.
1980	Yamauchi	Desenvolveu uma escala para mensurar os motivos relacionados ao desempenho acadêmico examinando a estrutura fatorial dos mesmos. Os sujeitos foram 299 estudantes universitários que responderam a uma lista de 64 itens de respostas dicotômicas constituídas com base em dois aspectos relacionados ao motivo para se desempenhar, quais sejam, o motivo para evitar falhas e o motivo para evitar o sucesso. Foram obtidas oito escalas compostas por cinco itens cada, sendo que, quatro dessas foram relacionadas a motivos para evitar o sucesso. A escala I mensurou a atividade instrumental na situação do desempenho; a escala II avaliou esperança de sucesso; por sua vez, a escala III relacionou-se a uma atitude reduzida para tensão em situação de desempenho; finalmente a escala IV mensurou uma excessiva autoconfiança. Duas escalas foram relativas aos motivos para evitar falhas, sendo que, a primeira dessas mensurava ansiedade debilitativa e a segunda facilitativa. As outras duas escalas restantes também concerniam a motivos para evitar o sucesso. A escala I mensurou um medo de perda de afiliação e a escala II relacionou-se a atitude negativa para alcançar o sucesso.
1987	Palenzuela	Seu trabalho foi feito numa tentativa de desenvolver um questionário espanhol para avaliar a motivação intrínseca e autodeterminação. Após a aplicação do instrumento e as análises, identificou três subescalas, a saber, motivação para competência, interesse extrínseco e sensação de autodeterminação.
1988	Shah	Desenvolveu uma escala de motivação para o desempenho baseada em 4 fatores de necessidade para a motivação para o desempenho; necessidade para o sucesso acadêmico, necessidade para o desempenho vocacional, necessidade para o desempenho social e desempenho de habilidades.
1989	Vallerand, Blais, Brière e Pelletier	Estudaram a construção e as propriedades psicométricas de um instrumento para medir a motivação para a educação (EME). Os sujeitos da pesquisa foram 746 universitários canadenses que foram submetidos à aplicação do EME separadamente em três grupos durante o período de aula. A um grupo a escala foi aplicada duas vezes para determinar a estabilidade do instrumento. Os resultados confirmaram a existência de sete subescalas que avaliavam três tipos de motivação interna, para conhecer, para experimentar sensações e para realização; e outros três tipos de motivação externa, a saber, externa, introjetada e regulação identificada.
1992	Vallerand e colaboradores	Em estudo posterior, se propuseram a validar essa mesma escala. Os resultados revelaram que a EME apresentou níveis satisfatórios de consistência interna e estabilidade temporal no período de um mês. Além disso, a análise fatorial confirmatória corroborou a estrutura obtida de sete fatores e as

continua

Época	Pesquisador	Instrumento de avaliação da motivação acadêmica
		diferenças de gênero encontradas na versão francesa desse instrumento foram replicadas neste estudo.
1991	Stinnett, Oehler-Stinnett e Stout	Desenvolveram uma escala para o professor de avaliação da motivação para a realização acadêmica de crianças, jovens e adultos, " <i>Teacher Rating of Academic Achievement Motivation</i> " (TRAAM). Nove professores avaliaram 97 alunos de terceira a sexta séries por meio do TRAAM e do <i>Teacher Rating of Academic Performance</i> (TRAP). Foi aplicado ainda o <i>Wide Range Achievement Test</i> . A análise fatorial inicial dos dados do TRAAM forneceram uma solução de quatro fatores que explicaram 68,5% da variância da avaliação dos professores. Os fatores do TRAAM e o seu escore total correlacionaram-se significativamente com as pontuações dos itens do TRAP e com o seu escore total bem como com o <i>Wide Range</i>
1994	Amabile, Hill, Hennessey e Tighe	Desenvolveram um instrumento denominado de " <i>Work Preference Inventory</i> " (WPI) e que avalia as diferenças individuais nas orientações motivacionais intrínsecas e extrínsecas. Os elementos considerados na motivação intrínseca foram a autodeterminação, competências, envolvimento na tarefa, curiosidade, satisfação e interesse. Para a motivação extrínseca foram elaborados itens correspondentes à competição, avaliação, reconhecimento, dinheiro ou outro incentivo material e coação dos outros. O instrumento apresentou, após as análises de componentes principais e rotação oblíqua, duas escalas primárias, relacionadas a Motivação extrínseca e intrínseca e duas secundárias em cada um desses fatores ao separar cada um deles e executar novamente as análises fatoriais. No caso da motivação extrínseca os dois fatores secundários foram recompensa e compensação. Já na motivação intrínseca foram satisfação e desafio. Os resultados da análise fatorial confirmatória corroboraram também a estrutura dos fatores. Os índices de precisão foram adequados e incluíram a consistência interna e teste-reteste indicando boa estabilidade temporal.
1995	Pearson, Carolyn e Carey	Em seu trabalho, procuraram desenvolver e fornecer propriedades psicométricas e utilidades potenciais para o <i>Academic Motivation Profile</i> (AMP). Foram conduzidos dois estudos pilotos com 233 e 249 estudantes de graduação, respectivamente. Em ambos os casos, foram demonstrados bons coeficientes de consistência interna para os itens do teste. Uma terceira testagem com 280 estudantes universitários evidenciou uma correlação baixa entre a motivação acadêmica e desempenho acadêmico.
1997	Chiu	Desenvolveu e validou uma escala de avaliação da motivação para a realização escolar (SAMRS). As questões envolviam assertivas a respeito de características de persistência, ser capaz de assumir riscos e falhas, responder positivamente à competição, realizar alguma coisa difícil, superar obstáculos e manter alto padrão. Ofereciam ainda como possibilidades de resposta 5 intervalos de escolha, sempre, frequentemente, ocasionalmente, raramente e nunca. Evidências demonstraram que os escores da escala foram internamente consistentes e estáveis. Altas correlações foram encontradas entre os escores e moderadas correlações foram encontradas entre a escala e alguns testes estandardizados. Evidências de validade concorrente e de constructo foram estabelecidas entre a SAMRS e medidas de desempenho, locus de controle, autoconceito, ansiedade e medida sociométrica.
1999	Montgomery	Desenvolveu uma medida de variáveis que influenciam a motivação acadêmica de estudantes chamada de "Scale of Academic Motivation" (SAM). O instrumento foi designado para ser uma medida de motivação de características dos estudantes em sala de aula e em casa que demonstraram estarem relacionadas a motivação acadêmica. Os resultados das análises revelaram a existência de três subescalas relacionadas ao self, a sala de aula e a família. As propriedades psicométricas da escala demonstraram que ela foi capaz de medir com fidedignidade e validade as diferenças na percepção das crianças dos três níveis de influência sobre a motivação acadêmica.
2002	Waugh	Propõe uma medida da motivação de adultos para a realização acadêmica encadeando atitudes e comportamentos através de uma escala unidimensional de motivação, no qual os itens de atitudes estão ligados aos itens de comportamento. Baseados no modelo conceitual de motivação os itens envolvem a busca por excelência (padrões, objetivos, tarefas, esforço, valores e habilidades), desejo para aprender (interesse, aprendizagem

Época	Pesquisador	Instrumento de avaliação da motivação acadêmica
		de outros e responsabilidade para aprender) e recompensas (extrínsecas, intrínsecas e sociais). Os itens da escala foram baseados na recente literatura sobre motivação e as dificuldades dos itens foram ajustados usando o modelo de Rasch. A escala ficou composta por 24 itens que ficaram ajustados ao modelo e que foram identificados como fáceis e correspondentes a itens de comportamento (variância de 0,93), como conceitualizado.
2007	Harter	Desenvolveu uma escala auto-declarada de orientação motivacional intrínseca versus extrínseca. Cinco dimensões foram definidas num continuum que variou da motivação intrínseca à extrínseca e que destacavam a preferência por desafio ou por trabalho fácil, curiosidade/interesse versus aprovação do professor, domínio independente versus dependência do professor, julgamento independente versus confiança no julgamento do professor e critério interno e externo para o sucesso ou fracasso. O resultado demonstrou que as dimensões seriam uma medida confiável e válida para captar as diferenças individuais em motivação intrínseca e extrínseca. Os dados suportaram o argumento de que a motivação deveria ser identificada por alguns componentes ou dimensões, mais do que como um constructo unitário ou global. A precisão e validade fatorial da escala foram adequadas. Pesquisando 2925 sujeitos, a análise fatorial de segunda ordem forneceu dois grupos distintos. As primeiras três dimensões ora mencionadas congregaram-se num fator que foi interpretado como motivacional natural. Os fatores restantes informaram basicamente um aspecto cognitivo. Observou-se uma diferença dos escores entre as séries no primeiro cluster de fatores e uma mudança entre as idades no fator de segunda ordem cognitivo. Os autores ressaltaram ainda a necessidade de conceitualizar e operacionalizar o termo motivação intrínseca, já que encontraram dificuldades em fazê-lo.

QUADRO 2 – Instrumento de avaliação da motivação acadêmica.

Fonte: Organizado pela autora

Conforme os dados (Quadro 2): Instrumentos de avaliação da motivação acadêmica, pode-se destacar alguns pontos importantes. Primeiramente, a variedade de medidas da motivação e a ênfase atribuída a um dos tipos de orientação motivacional. Por outro lado observou-se que a maioria dos instrumentos propôs-se a avaliar a motivação em adolescentes e adultos. Consequentemente, se verificou uma ausência de instrumentos dedicados à população infantil. Constatou-se ainda que, a literatura internacional apresenta poucos testes para a avaliação da motivação acadêmica intrínseca e extrínseca. A maioria dos instrumentos encontrados avaliou fatores que estariam relacionados a esses constructos, não os abordando diretamente.

Ao lado disso, no Brasil poucos trabalhos enfocam a construção de testes de motivação. Dentre eles pode-se citar o de Angelini (1958) que resultou num método projetivo de avaliação da motivação (M.P.A.M) baseado nos estudos de McClelland. Também baseado na teoria de McClelland, Souza (1972) desenvolveu outro instrumento de avaliação da motivação (R.A.P.). Além destes estudos encontra-se o trabalho de tradução e adaptação do instrumento conhecido como Método de Indução Motivacional (M.I.M) e que se baseia na teoria Relacional das necessidades de J. Nuttine que foi realizado por Maluf e Maluf (1977). Mais recentemente Neves e Boruchovitch (2004) estudaram as orientações motivacionais de crianças utilizando pranchas motivacionais.

Como se pode observar, mesmo os poucos instrumentos nacionais disponíveis na literatura são, em sua maioria, projetivos, sendo uma parcela ainda menor desses que fornece avaliações mais objetivas da motivação. Por ser a motivação uma das variáveis mais apontadas pelos professores ao indicarem as razões do fracasso na aprendizagem dos alunos, vê-se reforçada a necessidade de estudos nessa área bem como a proposição de instrumentos de medida.

3 MÉTODO DO ESTUDO

Nesta seção, os procedimentos metodológicos utilizados são apresentados a fim de alcançar os objetivos do trabalho.

No presente estudo analisou-se a existência de uma possível relação entre motivação (intrínseca ou extrínseca) e o desempenho escolar em alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan. O estudo desenvolveu-se dentro do modelo quantitativo de investigação, por intermédio de um estudo de caso, a coleta de informações foi efetivada através de questionário fechado, que serviu como facilitador em relação a coleta de informações, que posteriormente foram transformadas em objetos de discussão e análise.

De acordo com Malhotra (2006), a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e, normalmente, aplica alguma forma de análise estatística. A pesquisa quantitativa é preferível quando se pretende medir relações entre variáveis (ROESCH, 1999). Para Churchill e Iacobussi (2009), o método descritivo é utilizado quando o objetivo é descrever as características de certos grupos, estimar a proporção de pessoas que se comportam de uma certa maneira ou fazer previsões específicas.

Ainda, conforme Malhotra (2006), uma das diferenças entre a pesquisa exploratória e a pesquisa descritiva, é que a última se caracteriza pela formulação prévia de hipóteses específicas. Assim, as informações necessárias estão claramente definidas. Como consequência, a pesquisa descritiva é pré-planejada e estruturada.

3.1 Constructos e variáveis investigadas

De acordo com Hair, Tatham, Anderson e Black (2007), *constructos* são a base para a formação de relações causais e a mais pura representação possível de um conceito. Embora sejam definidos em diversos graus de especificidade, um constructo não pode ser medido direta e perfeitamente, mas deve ser medido por indicadores. *Variáveis*, são valores observados de um item ou questão específica, obtida de respondentes em questões (como em

um questionário) ou a partir de observações feitas pelo observador. As variáveis são utilizadas como indicadores de constructos.

Com o objetivo de avaliar a motivação (intrínseca e extrínseca) foi administrada uma escala de motivação escolar, aferida para a população alvo contendo 16 questões.

Os itens foram elaborados na primeira pessoa tendo como objetivo avaliar a orientação geral para motivação e desempenho escolar de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo 07 (sete) questões referentes à motivação intrínseca e 09 (nove) questões sobre a motivação extrínseca.

As categorias definidas para a motivação intrínseca, a partir dos estudos de Martinelli (2007) foram: autodeterminação, competência, envolvimento na tarefa, curiosidade e interesse. Já para a motivação extrínseca: a preocupação com avaliação, com o reconhecimento e com a competição.

Os indicadores para avaliar a motivação intrínseca, em relação à aprendizagem escolar (Quadro 3): a curiosidade para aprender, a persistência dos alunos nas tarefas – mesmo frente às dificuldades – o tempo despendido no desenvolvimento da atividade, a ausência de qualquer tipo de recompensa ou incentivo para iniciar ou completar a tarefa, o sentimento de eficácia em relação às ações exigidas para o desempenho, o desejo de realizar aquela atividade particular e, finalmente, a combinação de todas as variáveis apontadas.

Categoria	Questões
Motivação intrínseca – aspectos relacionados à autodeterminação, competência, envolvimento na tarefa, curiosidade e interesse.	10. Eu gosto de ir à escola. 11. Eu me esforço na escola porque gosto de estudar. 12. Quanto mais interessante o trabalho escolar, mais eu me esforço. 13. Para mim é bom planejar o que tenho que fazer para ir bem na escola. 14. Quanto mais difícil a tarefa, mais eu tento. 15. Eu estou satisfeito com as minhas notas. 16. Aprender coisas novas é interessante para mim.

QUADRO 3 – Indicadores para avaliar a motivação intrínseca.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martinelli (2013)

A motivação extrínseca (Quadro 4) apresenta-se como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências.

Categoria	Questões
Motivação extrínseca – relacionada a preocupação com avaliação, preocupação com o reconhecimento, preocupação com a competição, um enfoque na preocupação com os outros, aos valores e crenças.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Eu só estudo para não ficar de castigo. 2. Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe. 3. Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo. 4. Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais. 5. Eu só faço as tarefas porque minha professora é brava. 6. Eu tento ir bem na escola para agradar meus professores. 7. Eu só estudo para ir bem nas provas. 8. Eu preciso ser incentivado para fazer meu trabalho da escola. 9. Na escola eu trabalho melhor quando sou elogiado.

QUADRO 4 – Indicadores para avaliar a motivação extrínseca.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martinelli (2013)

Foi utilizada no questionário uma escala Linket de três pontos, sendo que 1 (um) significou a total afirmação e 3 (três) a sua negatividade, conforme mostrado na Tabela 1.

Conforme Hair Jr. et al. (2010), as escalas *Likert* são mais apropriadas para concepções de pesquisa que utilizam levantamentos auto aplicados, entrevistas pessoais ou levantamentos *online*. Assim, a escala *Likert* mostrou-se adequada para esse estudo.

TABELA 1 – Escala Linket utilizada na pesquisa.

SIM 	+ OU - 	NÃO 
1	2	3

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martinelli (2013)

3.2 Definição da população-alvo do estudo

A população foi, inicialmente, composta por 91 estudantes, sendo excluídos da análise dois alunos, um portador de necessidades especiais e um, cujos pais não assinaram o termo de consentimento. Dessa forma, a população alvo ficou constituída por 89 estudantes com idades entre os seis (6) e dez (10) anos, que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

Conforme Roesch (1999), uma população é um grupo de pessoas ou empresas que interessa entrevistar para o propósito específico de um estudo. Para Hair et al. (2007), a escolha da população-alvo deve ser definida com base nos objetivos da pesquisa. A população-alvo desse estudo serão todos os estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

3.3 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no período do mês de julho a mês de agosto do ano de 2014, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan. Primeiramente, foi realizado um estudo piloto com duas crianças (6 e 7 anos), que não fizeram parte do estudo, para verificar a adequação do vocabulário da escala de motivação para as faixas etárias escolhidas. Durante este processo não foi observada dúvida ou dificuldade com relação ao vocabulário e aos itens da escala desenvolvida.

Antes do início das coletas foi realizada uma reunião com as professoras, e enviado aos pais ou responsáveis pelos alunos um termo de consentimento esclarecendo os objetivos da pesquisa e a forma de participação. Só participaram da pesquisa os alunos cujos pais assinaram o termo de consentimento.

Após isso, os objetivos foram explicados aos alunos em sala de aula e seguiu-se a aplicação do instrumento de forma coletiva. Foi utilizado um período de 50 minutos para essa aplicação. As questões foram lidas uma a uma pelo pesquisador com tempo para que a resposta fosse registrada, procedendo-se dessa forma até o final do instrumento.

3.4 Plano de análise de dados

Considerando-se a importância desta etapa da pesquisa e visando garantir uma melhor qualidade e objetividade dos resultados, os dados obtidos através de questionário, foram quantitativamente analisados.

O tratamento dos dados consistiu em organizar e estruturar todos os dados coletados para análise, com a ajuda do software SPSS (versão PASW Statistics 17.0).

Para Richardson (1999, p. 70) os métodos quantitativos são caracterizados pelo emprego da qualificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas percentuais, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação.

Foram efetuados procedimentos de estatística descritiva dos respondentes para análise do nível de motivação intrínseca e extrínseca, bem como o nível de desempenho dos alunos.

4 A ESCOLA E SEUS PROJETOS

Segundo as Diretrizes Curriculares Municipais de Santa Maria e a concepção de ensino aprendizagem da Escola Municipal Padre Gabriel Bolzan, para que haja “uma educação ética e cidadã, a escola há de se constituir em espaço de vivência da cidadania. Para que os alunos aprendam a respeitar os limites da intimidade dos outros, é preciso que vivam em espaços que respeitam sua intimidade” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2014).

Neste contexto, o papel da educação escolar consiste, então, em criar novas necessidades humanizadoras. No que diz respeito à construção da personalidade ética, a escola deve ser, por excelência, espaço motivador de posturas éticas. Para tanto, define claramente atividades, projetos e atitudes a serem valorizadas e vivenciadas por todos que fazem parte dela, tais como a solidariedade, a cooperação, o respeito à diversidade e outros valores que dignifiquem o ser humano.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan, afirmou novas propostas pedagógicas comprometendo-se com uma educação que visa motivar e preparar o aluno para as diversidades da vida, apresentando Projetos Pedagógicos como um eixo para onde convergem as mais avançadas propostas de ensino-aprendizagem.

Seus objetivos específicos visam orientar-se para a realização de ações exitosas como: a interdisciplinaridade; a instrumentalização de professores; a abordagem de temas de relevância; o compromisso com o desenvolvimento das competências; dar significado ao processo pedagógico da escola e a diversificação de atividades, com os alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola.

A seguir são apresentados/elencados os diversos projetos em desenvolvimento na escola:

4.1 Projeto de formação continuada na e da escola

Tendo como base o Projeto Político Pedagógico da escola Padre Gabriel Bolzan, a formação continuada oportunizada na escola pressupõe aos profissionais da educação, uma mudança de postura didática pedagógica e um repensar nas ações educativas em busca de uma

escola de qualidade, que atenda os interesses dos educandos e ao mesmo tempo favoreça a todos um ambiente rico e problematizador de aprendizagens. A reflexão e aprimoramento de ideias e conceitos apresentam-se nesse projeto como um desafio ao processo de ensino e aprendizagem.

4.2 Projeto ler para gostar de ler

Resignificar as atividades de leitura, buscando despertar o gosto pela literatura infantil e o desenvolvimento da leitura numa dimensão lúdica, pessoal e independente.

A leitura tem uma dimensão lúdica, pessoal e prazerosa que, uma vez despertada, acompanhará o indivíduo ao longo de toda sua vida. É por meio da leitura que a criança desenvolve sua capacidade de expressão e habilidades linguísticas de reflexão e crítica. Os livros, ainda são portadores da maior parte de nossa herança cultural.

Neste contexto, lançamos esforços na busca de meios que possam viabilizar uma resignificação do livro, da literatura na relação escolar. Formar leitores é nosso objetivo primeiro, mas busca-se também despertar nestes leitores, muito mais que o sentido de mera codificação, que compreensão das mensagens. Busca-se a formação de indivíduos-leitores que encontrem prazer e gratificação pessoal no ato de ler.

Coloca-se aí um desafio: o de promover, na escola, além do trabalho cotidiano de leitura mais funcional, atividades mais específicas que estreitem os laços dos alunos com a literatura infantil.

O estímulo à leitura, como processo, dá-se desde muito cedo, onde as crianças em contato com o mundo começam a atribuir significados a tudo que as rodeiam.

A que se esclarecer que este projeto volta-se ao estabelecimento de vínculos do leitor, independentemente da etapa do processo de aquisição e uso da língua escrita em que se encontre, com o objeto literário. Busca-se despertar o gosto pelos livros, pelas histórias e tudo o que eles podem oferecer na formação integral dos alunos.

4.3 Projeto “Educação Fiscal”

A Educação Fiscal, como um resgate à valorização de direitos e deveres dos cidadãos. Consciente do seu papel na sociedade e na construção de direitos e deveres do cidadão, a Escola Padre Gabriel Bolzan, busca desenvolver com seus professores e alunos, um projeto de Educação Fiscal com ações didáticas pedagógicas, onde o objetivo é o comprometimento de todos, em acompanhar a aplicação dos recursos postos à disposição da administração pública, através dos tributos arrecadados; nas esferas públicas municipal, estadual e federal.

Acredita-se também no direito do cidadão de conscientizar-se e receber informações precisas de fato e de direito do que ocorre no seu meio físico e social, bem como cumprir com suas obrigações para com a coletividade.

4.4 Projeto Informática educacional

O objetivo do projeto de oportunizar o uso da ferramenta dos computadores na sala de informática com os alunos da escola, é propiciar a eles o acesso a esta tecnologia, a fim de que estimule suas mentes e potencialize seu desenvolvimento intelectual, paralelamente ao seu desenvolvimento psicossocial, uma vez que a coordenação motora está se estabelecendo concomitantemente a seus gostos e relações sociais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan, de posse de um laboratório de informática com acesso à Internet, softwares educacionais e programas básicos optou por vivenciar com os alunos, algumas práticas conforme a proposta pedagógica, oferecendo-lhes possibilidades de exploração e uso do computador, principalmente no manuseio do mouse e teclado, uso do software do sistema educacional Linux - O G Compris, e com jogos educativos já disponibilizados no Sistema. Oportunizaram-se a eles também, alguns sites educativos da internet previamente selecionados e planejados pelos professores respeitando os ritmos de desenvolvimento diferenciados.

4.5 Projeto Aprendendo com as fábulas

A escola tem a tarefa fundamental de colaborar na formação de cidadãos, mais precisamente de cidadãos conscientes de seus espaços de direitos e deveres em uma sociedade em transformação, onde os valores são questionados constantemente.

É tarefa da escola também a formação de leitores. Mas leitores não apenas dos materiais letrados do mundo, mas dos significados e das relações estabelecidas entre os sujeitos.

A leitura é, neste contexto, a mediadora das relações dos alunos e do mundo. Através dela o aluno poderá pensar sobre questões importantes da realidade, interferir nela e até mesmo reconstruí-la. Ela é uma forma de organizar e construir conhecimentos que se coloca a serviço da construção de um mundo de referências que dão sentido a existência humana.

Neste ínterim muitos são os textos literários que podem auxiliar na busca da formação de leitores conscientes e satisfatoriamente comprometidos com o bem comum. Eles além de promover a gradativa aquisição de compreensão sobre o código escrito oferecem possibilidade de pensar sobre a vida e as relações pessoais. Sendo assim, o projeto da escola tem a finalidade de oportunizar o contato e a leitura de *fábulas* de forma livre e dirigida, trazer ao conhecimento dos alunos a história do surgimento e da evolução do gênero literário; envolver os alunos rodeando-lhes de histórias, seres e objetos mágicos; permitindo-lhes desenvolver o imaginário e criar a esperança de soluções felizes para a sua existência e ainda, oportunizar a criação e recriação de fábulas explorando temas mais significativos discutidos pelo grupo envolvendo a leitura e a escrita.

4.6 Projeto “Nosso Planeta, Nossa Casa”

Através do Projeto Nosso Planeta Nossa Casa tivemos a oportunidade de debater sobre diversos temas: nicho ecológico, cadeia alimentar, desenvolvimento sustentável, reciclagem do lixo, consequências do mau uso dos recursos naturais do nosso planeta e também enfatizamos ações para mudar e acabar com práticas e hábitos errôneos. Assim destacamos algumas atividades simples, porém que foram utilizadas pela turma:

Desligar ou fechar tudo que não estiver utilizando, a fim de poupar recurso natural (água, luz) ou mesmo financeiro (despesa).

Estudo e construção de caixas sobre os tipos de lixo em cada lixeira (orgânico, plástico, metal, papel...).

Visita ao aterro sanitário de Santa Maria, onde perceberam a quantidade de objetos jogados, bem como as consequências da superprodução de lixo.

Cadeia alimentar (animais) e alimentos consumidos e desperdiçados pelo homem, consumo exagerado (lixo) crise de consumismo/ modismo, consumo consciente.

A poluição do ar (indústrias, carros), dos alimentos (agrotóxicos, inseticidas...) e as doenças decorrentes dessas alterações na terra. Poluição visual (apelo do comércio, propaganda lojas, eleitoral, outdoors), poluição sonora: música, barulho dos carros, buzinas, sirenes...

Falta ou escassez de água na produção de alimentos e na higiene pessoal em decorrência das mudanças ocorridas na terra e provocadas pelo homem, ocasionando doenças. Criamos textos sobre a importância da vacina, e o porquê se vacinar.

A vida é mais saudável quando entendemos que tudo depende de nós, que devemos começar por nós e não ficar esperando pelos outros. O livro apresenta pequenos gestos que fazem a diferença, como contribuir para a preservação de recursos naturais. Auxilia na reflexão sobre as causas e consequências de nossos atos, e nos impulsiona a sermos agentes de transformação.

4.7 Projeto Explorando e desenvolvendo valores para um mundo melhor

Todo ser humano tem suas crenças e com base nelas seus pensamentos e sentimentos, que culminam nas atitudes.

Acredita-se numa sociedade mais humana e justa, sem preconceitos, em que os cidadãos atuem comprometidos com o bem comum.

A escola se tornaria vazia e ineficiente, se omitisse de resgatar certos valores "adormecidos" na consciência humana. Por esse motivo, torna-se essencial refletir o mundo atual, fortalecer e renovar as "crenças", inserindo no processo educacional valores que possibilitem a formação integral de nossos alunos.

Partindo da premissa de se trabalhar os valores fundamentais e o pleno desenvolvimento de regras de convivência social na escola, algumas praticas e reflexões merecem consideração.

Promover uma educação voltada para valores humanos é uma condição que toda escola deve estudar a fundo, pois os mesmos devem estar presentes nas relações cotidianas da instituição.

É papel da escola se voltar para uma educação permeada nos valores humanos, até porque estes devem aparecer dentro dos conteúdos que abordam a pluralidade cultural, o respeito às diferentes culturas, etnias, ideologias, religiões, dentre outros.

O importante é desenvolver um trabalho voltado para o exercício dos bons valores humanos, considerando que nem tudo acontece como a intenção inicial, mas de acordo com os interesses coletivos, do grupo, e que temos que controlar nossas emoções diante das adversidades.

5 ANÁLISE DA PESQUISA

Nesta seção, buscou-se trazer os resultados e análise dos dados coletados, tendo em vista os objetivos propostos no estudo. Para melhor entendimento do assunto, dividiu-se essa seção em 5.1. Perfil; 5.2. Análise da distribuição de frequência das variáveis; 5.3. Avaliação da Motivação, desempenho e Nota; 5.4. Correlação entre as variáveis.

5.1 Perfil

Para melhor configurar os resultados do perfil dos respondentes são apresentados os dados considerando os seguintes aspectos: ano escolar, turno, gênero e faixa etária.

Observa-se que os resultados apresentados referem-se aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan e foram coletados 89 questionários válidos, sendo 21,3% alunos de 1º ano (n=19), 28,1% de 2º ano, (n=25), 29,2% de 3º ano (n=26) e 21,3% alunos de 4º ano (n=19). A Tabela 2 evidencia tais dados.

TABELA 2 – Ano dos respondentes

Ano Escolar	Frequência	Percentual(%)
1º ano	19	21,3
2º ano	25	28,1
3º ano	26	29,2
4º ano	19	21,3
Total	89	100,0

Fonte: Elaborada pela autora

Como é possível visualizar na Tabela 2, a população encontra-se bem distribuída em todos os anos, havendo um leve predomínio de alunos nos anos 2º e 3º.

A figura 1 apresenta os dados da tabela 2 (graficamente).

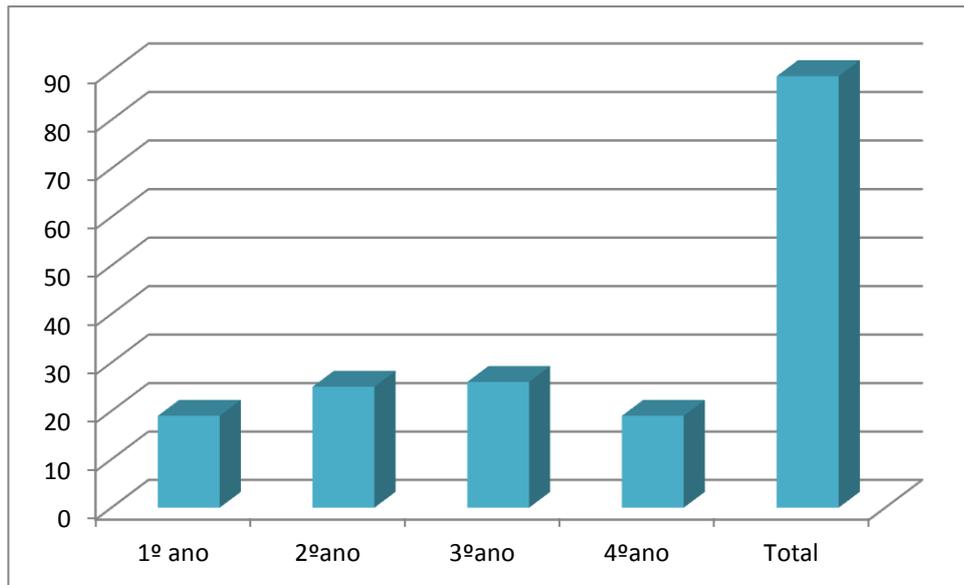


FIGURA 1 – Ano dos respondentes

Fonte: Elaborada pela autora

Conforme pode ser observado na Tabela 3, 19 (21,3%) dos respondentes estudam no turno da manhã e 70 (78%) estudam no turno da tarde.

TABELA 3 – Turno dos respondentes

Turno	Frequência	Percentual(%)
Manhã	19	21,3
Tarde	70	78,3
Total	89	100,0

Fonte: Elaborada pela autora

Assim, constata-se que o turno da tarde por ter a presença do 1º, 2º e 3º anos, tem maior número de alunos. Já o turno da manhã, no qual é ofertado apenas o 4º ano, é menor o número de estudantes. A figura 2 ilustra tal discrepância.



FIGURA 2 – Turno dos respondentes

Fonte: Elaborada pela autora

Quanto ao gênero dos respondentes 45 (50,6%) são do gênero feminino e 44 (49,4%) do gênero masculino. (Tabela 4).

TABELA 4 – Sexo dos respondentes

Sexo/Gênero	Frequência	Percentual(%)
Menina	45	50,6
Menino	44	49,4
Total	89	100,0

Fonte: Elaborada pela autora

É possível constatar a uniformidade na distribuição dos respondentes quanto a este quesito. A figura 3 evidencia bem tais dados.

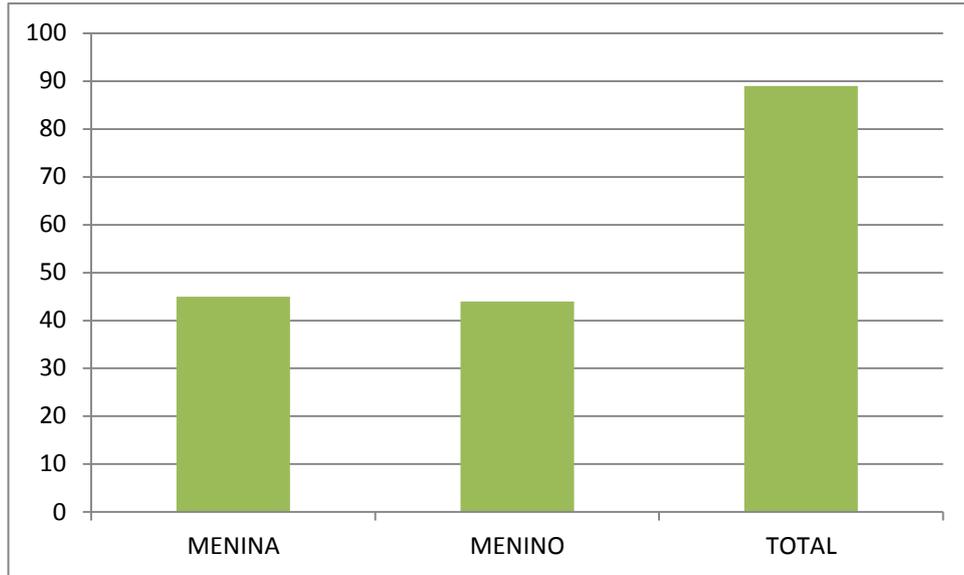


FIGURA 3 – Gênero dos respondentes

Fonte: Elaborada pela autora

Em relação à faixa etária, 13,5% alunos (n=12) tinham idade de 6 anos, 25; 28,1% (n=25) 7 anos, 23,6% (n=21) 8 anos, 22,5% (n=20) 9 anos, 10,1% (n=9) 10 anos, 1,1% (n=1) 11 anos e 1,1% (n=1) 12 anos. (Tabela 5)

Com o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos do ensino fundamental entrou em vigência no ano de 2006, a legislação que reorganiza o ensino fundamental para nove anos de escolarização. A Lei nº 11.274, *aprovada em 2006*, altera a redação de artigos da LDB, dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória das crianças a partir dos seis anos de idade. A medida visa diminuir os índices de fracasso escolar, pela garantia de que todas as crianças tenham um tempo ampliado de convívio escolar.

Dando continuidade às mudanças no contexto educacional brasileiro, em 2010, foram homologadas as diretrizes que tratam dos princípios e fundamentos da educação. Em seu texto, uma das recomendações apresentadas é a organização dos três primeiros anos do Ensino Fundamental como um ciclo, denominado como o Ciclo da Alfabetização, não passível de reprovação. De acordo com o Art. 30, inciso III e parágrafo primeiro, a escola, mesmo em regime seriado, deve considerar os três primeiros anos do Ensino Fundamental como um bloco ou um ciclo de aprendizagem, sem interrupção.

Desta maneira, o MEC assume a recomendação e os sistemas de ensino adotam em suas escolas a organização em ciclo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental,

abrangendo crianças de 6 (seis), 7 (sete) e 8 (oito) anos de idade, regulamentado pelo Parecer nº 11/2010 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

TABELA 5 – Idade dos respondentes

Idade	Frequência	%
6 anos	12	13,5
7 anos	25	28,1
8 anos	21	23,6
9 anos	20	22,5
10 anos	9	10,1
11 anos	1	1,1
12 anos	1	1,1

Fonte: Elaborada pela autora

A figura 4 ilustra a distribuição de frequência por idade dos respondentes.

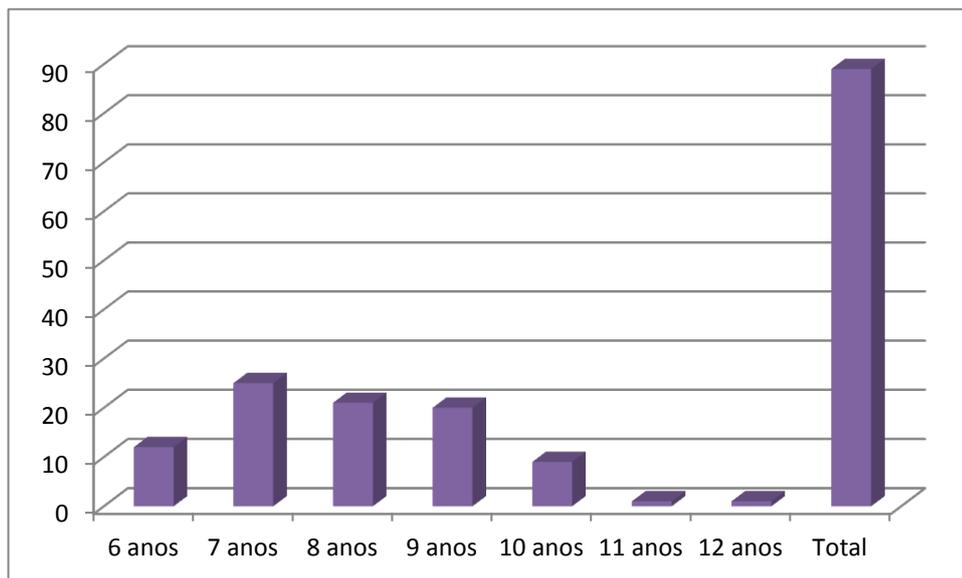


FIGURA 4 – Idade dos respondentes

Fonte: Elaborada pela autora

5.2 Análise da distribuição de frequência das variáveis

Na presente etapa são apresentadas as distribuições de frequência dos construtos, a Motivação Extrínseca e Intrínseca, respectivamente. A Tabela 6 apresenta os resultados das variáveis pertinentes à motivação extrínseca.

TABELA 6 – Variáveis da Motivação extrínseca

	VARIÁVEIS MOTIVAÇÃO EXTRINSECA						
		NÃO		+ OU -		SIM	
		N	%	N	%	N	%
ME1	Eu só faço as tarefas escolares para não ficar de castigo.	52	58,4	9	10,1	28	31,5
ME2	Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe.	66	74,2	16	18,0	7	7,9
ME3	Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo.	62	69,7	12	13,5	15	16,9
ME4	Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais.	51	57,3	16	18,0	22	24,7
ME5	Eu gosto de fazer bem minhas tarefas para agradar minha professora.	56	62,9	14	15,7	19	21,3
ME6	Eu só faço minhas tarefas porque a Professora pode me deixar sem recreio.	71	79,8	10	11,2	8	9,0
ME7	Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola.	13	14,6	63	70,8	13	14,6
ME8	Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade.	38	42,7	30	33,7	21	23,6

N = nº de respondentes

Fonte: Elaborada pela autora com base em Martinelli (2013)

A motivação extrínseca apresenta-se como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências e habilidades.

A Tabela 6 reuniu oito variáveis relacionadas a aspectos como: preocupação com fatores externos como reconhecimento e aprovação dos pais e professores e a dependência de julgamento; ME1 (Eu só estudo para não ficar de castigo); ME2 (Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe); ME3 (Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo); ME4 (Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais); ME5 (Eu só faço as tarefas porque minha professora é brava); ME6 (Eu tento ir bem na escola para agradar meus professores); ME7 (Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola); e ME8 (Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade).

Pode-se observar que a motivação extrínseca é abrangente e complexa, e envolve um número extenso de variáveis do ambiente a serem determinadas e compreendidas.

Com relação aos resultados obtidos na Tabela 6, as variáveis com maiores taxas de respostas negativas foram as variáveis ME6 (Eu só faço minhas tarefas porque a professora pode me deixar sem recreio), representando 79,8% dos estudantes, respondendo que não são motivados por esse aspecto; seguida das variáveis ME2 (Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe), 74,2% e ME3 (Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo), 69,7%, que não acreditam que as tarefas são realizadas via punição.

Dois questões/afirmações obtiveram índices mais favoráveis são as afirmações ME1 (Eu só estudo para não ficar de castigo) e ME4 (Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais), com respectivamente 31,5% e 24,7%. Aliada com a afirmação ME8 (Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade) e ME5 (Eu só faço as tarefas porque minha professora é brava) em que 23,6% e 21,3% respectivamente dos alunos responderam sim, revelando que a maioria dos alunos entrevistados não cumprem as tarefas para obterem recompensas externas e/ou demonstrar suas competências e capacidades às outras pessoas.

Já a variável ME7 (Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola), apresenta a maior taxa de resposta neutra.

Considerando-se as características do ambiente escolar, segundo Deci et.al. (1991), é possível afirmar que a preocupação de reconhecimento afeta a motivação do estudante para a aprendizagem. Alguns estudos realizados apontam esta relação entre as questões externas como uma preocupação com o reconhecimento e a motivação extrínseca acadêmica do estudante, inclusive para alguns alunos que carecem de motivação intrínseca, as recompensas e o reforços de todas as naturezas acabam se tornando a única razão para o estudo.

A Tabela 7 motivação intrínseca, por sua vez, englobou sete itens vinculados a características, como: critério interno para o sucesso ou o fracasso, persistência, curiosidade,

prazer com a tarefa/envolvimento, preferência por desafios, de aprender e de se esforçar no desempenho das obrigações escolares: MI9 (Eu gosto de ir à escola); MI10 (Eu me esforço na escola porque gosto de estudar); MI11 (Quanto mais interessante o trabalho escolar, mais eu me esforço); MI12 (Para mim é bom planejar o que tenho que fazer para ir bem na escola); MI13 (Quanto mais difícil a tarefa, mais eu tento); MI14 (Eu estou satisfeito com as minhas notas); MI15 (Aprender coisas novas é interessante para mim).

Tal dimensão com suas variáveis avaliam critério interno para o sucesso ou o fracasso, persistência, curiosidade, prazer com a tarefas/envolvimento, preferência por desafio, de aprender e de se esforçar no desempenho das obrigações escolares.

TABELA 7 – Variáveis da motivação intrínseca

	VARIÁVEIS MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA						
		NÃO		+ OU -		SIM	
		N	%	N	%	N	%
MI9	Eu gosto de ir à escola.	4	4,5	7	7,9	78	87,6
MI10	Eu gosto de estudar, por isso me esforço na escola.	5	5,6	15	16,9	69	77,5
MI11	Consigo fazer melhor as atividades que são interessantes. (bem legal)	19	21,3	18	20,2	52	58,4
MI12	Gosto de conversar com alguém em casa o que tenho que fazer para ir bem na escola.	24	27,0	20	22,5	45	50,6
MI13	Quando uma tarefa é difícil, eu tento fazer sozinho, e se não consigo, peço ajuda.	15	16,9	16	18,0	58	65,2
MI14	Gosto de aprender coisas novas.	3	3,4	4	4,5	82	92,1
MI15	Eu me sinto feliz como estou indo na escola.	5	5,6	18	20,2	66	74,2

Fonte: Elaborada pela autora com base em Martinelli (2013)

A motivação intrínseca é o fenômeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo considerada por Deci e Ryan (2000), entre outros, a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. Configura-se como uma tendência natural para buscar novidade, desafio, para obter e exercitar as próprias capacidades. Refere-se ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante,

envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação. Tal envolvimento é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual.

As variáveis MI9 (Eu gosto de ir à escola.) e MI14 (Gosto de aprender coisas novas.) obtiveram a maior taxa de resposta positiva, 87,% e 92,1% respectivamente. Os alunos intrinsecamente motivados se envolvem e permanecem na tarefa pelo próprio prazer, desafio, curiosidade e interesse que a atividade lhes desperta.

A variável MI10 (Eu gosto de estudar por isso me esforço na escola.), com uma taxa de 77% de resposta positiva, refere-se ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação. Tal envolvimento é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual.

O estudo realizado por Gootfried (1985) apontou que a motivação intrínseca estava relacionada à percepção de competência, ou seja, crianças com alta motivação intrínseca acadêmica teriam percepções mais favoráveis da própria competência. Estes estudos e outros na área apontam como o sentimento de competência é importante para a motivação.

A variável MI11 (Consigno fazer melhor as atividades que são interessantes.) teve 58% de resposta positiva. O aluno motivado busca novos conhecimentos e oportunidades, mostrando-se envolvido com o processo de aprendizagem, participando continuamente das tarefas com entusiasmo e disposição para novos desafios.

Entende-se com este resultado que o aluno estará motivado a aprender e adquirir conhecimento, em duas ocasiões, quando ele está preparado para a busca contínua do processo de aprendizagem e quando o estudo é de seu interesse.

Também as variáveis MI13 (Quando uma tarefa é difícil, eu tento fazer sozinho, e se não consigo, peço ajuda.), com uma taxa de 65% de resposta positiva, e MI12 (Gosto de conversar com alguém em casa o que tenho que fazer para ir bem na escola.) em que 50% das respostas foram positivas, confirmam que o envolvimento também possibilita a aquisição de novas habilidades ou conhecimentos, o que afeta a motivação aumentando o valor da tarefa no futuro. Além disso, conforme Pintrich e Shunk, (2002), alunos motivados demonstram interesse pelas tarefas e geralmente trabalham com mais vontade.

Muito embora seja consenso entre os pesquisadores que a motivação intrínseca é mais apropriada para a aprendizagem, se comparada à motivação extrínseca, conforme Guimarães, (2004), alguns estudiosos apontam a necessidade de essas duas orientações motivacionais coexistirem e serem complementares.

A realização e valorização das atividades escolares são características importantes para a motivação escolar. Como já foi descrito, o ambiente escolar possui algumas características que o diferencia dos demais, neste ambiente, a retenção e a aquisição de conteúdos específicos e variados é fundamental, realizar e valorizar as tarefas acaba sendo uma forma eficiente de aumentar a motivação. Conforme Gottfried (1985) crianças com alta motivação intrínseca tendem a apresentar um bom desempenho escolar.

Lepper, et al. (2005) consideram necessário reconhecer que nem todas as situações educacionais garantem que os alunos possam engajar-se em tarefas escolares unicamente por fatores intrínsecos, por isso os fatores internos e externos devem inter-relacionar-se para produzir um desempenho orientado para a motivação intrínseca do aluno.

A análise inicial das questões demonstrou que o instrumento permite avaliar de forma estável a orientação motivacional de estudantes dos anos iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan. No entanto, o instrumento trata como independentes as orientações motivacionais intrínsecas e extrínsecas, sugerindo que são processos distintos.

De acordo com Siqueira; Wechsler (2006) um aluno extrinsecamente motivado é aquele que desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais. E que um aluno motivado intrinsecamente, ao contrário, é aquele cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação.

A motivação pode ser entendida como o aspecto dinâmico da ação: é o que leva o sujeito a agir, ou seja, o que o leva a iniciar uma ação, a orientá-la em função dos objetivos estabelecidos, a decidir o seu prosseguimento e finalização. É, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Pode ser entendida como um desejo, uma intenção, uma predisposição à ação; uma força propulsora que induz o sujeito a realizar atividades. Ao identificar e aproveitar o “motivo” que atrai a criança, aquilo que ela gosta ou se interessa, como meio de chamar-lhe a atenção ou seduzi-la como forma de engajá-la no ensino, o professor estará incentivando-a a aprender, ou privilegiando os interesses da criança no ato de ensinar.

A composição dos fatores da pesquisa revelou o que se observa no estudo do tema, ou seja, na questão motivacional estão envolvidos vários componentes que se inter-relacionam e que operam na motivação de um aluno.

No presente estudo, apresentam-se os resultados obtidos do Desempenho escolar, bem como o valor/nota atribuído.

Por desempenho escolar entende-se uma experiência que o aluno vive e interpreta, além das situações nas quais este aluno se encontra em um momento de sua história escolar, envolvendo atitudes, condutas, construção da autoimagem, entre outros. Para medir o desempenho escolar, (Tabela 8), foi considerada a resposta dada pelo próprio aluno, apresentando uma taxa de 56,2% de respostas positivas, ou seja, em sua avaliação pessoal a maioria das crianças está satisfeitas com seu desempenho na escola. Observa-se que 38,2% (n 34) responderam mais ou menos e, por fim, 5,6% (n 5) estão insatisfeitos com o desempenho pessoal.

TABELA 8 – Desempenho escolar dos alunos (auto avaliação)

					
NÃO		+ OU -		SIM	
N	%	N	%	N	%
5	5,6	34	38,2	50	56,2

Fonte: Elaborada pela autora

Um aluno motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios.

Na Tabela 9 foi considerada a resposta atribuída ao aluno pelo professor. A variável apresentou uma taxa de resposta positiva, de 67,4%.

TABELA 9 – Avaliação do professor ao aluno

					
NÃO		+ OU -		SIM	
N	%	N	%	N	%
Nenhum	Nenhum	29	32,6	60	67,4

Fonte: Elaborada pela autora

Em análise conjunta referente ao Desempenho (auto atribuído) e resposta da professora (avaliação), Tabela 8 e Tabela 9, é possível constatar que os alunos foram mais severos em suas avaliações. Enquanto 56,2% dos alunos se atribuem uma avaliação positiva, 67,4% das professoras atribuem aos alunos a mesma avaliação, ou seja, 11,2% de alunos com avaliação da professora melhor que sua autoavaliação. O mesmo segue com avaliação neutra, 5,6%, e, por fim, verifica-se que 5,6% dos alunos avaliaram seu desempenho como abaixo/negativo e as professoras não avaliaram nenhum aluno de maneira negativa.

Segundo Pintrich e Schunk (2002), um aluno extrinsecamente motivado é aquele que desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais, um aluno com este tipo de motivação está mais interessado na opinião do outro, as tarefas são realizadas com o objetivo principal de agradar pais e/ou professores, para ter reconhecimento externo, receber elogios ou apenas para evitar uma punição.

Um aluno motivado intrinsecamente, ao contrário, é aquele cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação, alunos com este tipo de motivação trabalham nas atividades, pois as consideram agradáveis.

5.3 Avaliação da Motivação e Desempenho

Segue análise da Tabela 10 com a média e desvio padrão em relação à motivação extrínseca:

TABELA 10 – Média e desvio padrão motivação extrínseca.

	Variável	N	MINIMO	MAXIMO	MÉDIA	DESVIO
ME7	Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola.	89	1,00	3,00	2,000	0,543
ME8	Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade	89	1,00	3,00	1,809	0,795
ME1	Eu só faço as tarefas escolares para não ficar de castigo.	89	1,00	3,00	1,730	0,914
ME4	Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais.	89	1,00	3,00	1,674	0,849
ME5	Eu gosto de fazer bem minhas tarefas para agradar minha professora.	89	1,00	3,00	1,584	0,823
ME3	Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo.	89	1,00	3,00	1,471	0,770
ME2	Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe.	89	1,00	3,00	1,337	0,620
ME6	Eu só faço minhas tarefas porque a Professora pode me deixar sem recreio.	89	1,00	3,00	1,292	0,625

Fonte: Elaborada pela autora com base em Martinelli (2013)

Estudando os dados de motivação extrínseca da Tabela 10 pode-se observar que as médias variam de 2,00 a 1,292. Já os desvios variam de 0,543 a 0,914. Estes resultados revelam uma tendência de neutro a resultados negativos para motivação extrínseca. Segue uma análise detalhada dos resultados obtidos, na análise da média e desvio-padrão das variáveis de motivação extrínseca observa-se que a variável com maior média e de menor desvio é a variável ME7 (Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola.), com média 2,000 e desvio padrão 0,543, seguida da variável ME8 (Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade.), com média de 1,809 e desvio padrão 0,795.

Quanto as menores médias, essas foram obtidas pelas variáveis ME6 (Eu só faço minhas tarefas porque a professora pode me deixar sem recreio.), média de 1,292 e desvio padrão 0,625; e ME2 (Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe.), com média de 1,337 e desvio padrão 0,620.

Destacam-se, ainda neste contexto, altos desvios nas variáveis ME1 (Eu só faço as tarefas escolares para não ficar de castigo.) 0,914, ME4 (Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais.) 0,849, ME5 (Eu gosto de fazer bem as minhas tarefas para agradar minha professora.) 0,823, e ME3 (Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo.) 0,770.

A Tabela 11 apresenta as médias e desvios padrão em relação à motivação intrínseca:

TABELA 11 – Média e desvio padrão motivação intrínseca.

	Variável	N	MINIMO	MAXIMO	MÉDIA	DESVIO
MI6	Gosto de aprender coisas novas.	89	1,00	3,00	2,887	0,411
MI1	Eu gosto de ir à escola.	89	1,00	3,00	2,831	0,482
MI2	Eu gosto de estudar, por isso me esforço na escola.	89	1,00	3,00	2,719	0,563
MI7	Eu me sinto feliz como estou indo na escola.	89	1,00	3,00	2,685	0,575
MI5	Quando uma tarefa é difícil, eu tento fazer sozinho, e se não consigo, peço ajuda.	89	1,00	3,00	2,483	0,770
MI3	Consigo fazer melhor as atividades que são interessantes. (bem legal).	89	1,00	3,00	2,370	0,817
MI4	Gosto de conversar com alguém em casa o que tenho que fazer para ir bem na escola.	89	1,00	3,00	2,236	0,853

Fonte: Elaborada pela autora com base em Martinelli (2013)

Analisando os dados da Tabela 11 pode-se observar que as médias mais elevadas apresentam menores desvios e conforme as médias decaem, os desvios aumentam. Outro ponto de destaque é que no geral, comparativamente aos resultados obtidos no MI, os dados de ME são de médias maiores.

As médias encontradas em MI variam de 2,887 a 2,236. Ressalta-se que em ME a maior média obtida foi 2,000. Já os desvios de ME variaram de 0,411 a 0,853.

Na Tabela 11 pode-se observar que a variável MI6 (Gosto de aprender coisas novas.), apresentou a maior média, 2,887 e o menor desvio padrão, 0,411. Tal variável foi a de menor desvio entre todas as variáveis de motivação extrínseca e intrínseca analisadas. Seguida das variáveis MI1 (Eu gosto de ir a escola.), média 2,831, desvio padrão 0,482; e MI2 (Eu gosto de estudar, por isso me esforço na escola.), média 2,719 e desvio padrão 0,563.

Destaca-se ainda neste contexto as variáveis MI7 (Eu me sinto feliz como estou indo na escola.), média 2,685 e desvio padrão 0,575, MI5 (Quando uma tarefa é difícil, eu tento fazer sozinho, e se não consigo, peço ajuda.) média 2,483 e desvio padrão 0,770 e MI3 (Consigo fazer melhor as atividades que são interessantes.), com uma média de 2,370 e desvio padrão 0,817.

Já a variável MI4 (Gosto de conversar com alguém em casa o que tenho que fazer para ir bem à escola.) com 2, 236, menor média e o maior desvio padrão de 0,853.

A Tabela 12 evidencia a média e desvio padrão em relação à nota atribuída ao aluno pelo professor e a autoavaliação do aluno:

TABELA 12 – Média e desvio padrão avaliação e desempenho escolar.

	N	MINIMO	MAXIMO	MÉDIA	DESVIO
Avaliação Prof^a	89	2,00	3,00	2,674	0,471
Auto avaliação – aluno	89	1,00	3,00	2,505	0,605

Fonte: Elaborada pela autora

A estatística descritiva da avaliação do desempenho atribuída ao aluno pelo professor apresentou uma média de 2,674 e desvio padrão de 0,471. (Tabela 12). Em relação a avaliação do seu próprio desempenho, a média obtida foi de 2,505, com um desvio padrão de 0,605 (Tabela 12). Observa-se, portanto, que a nota/avaliação atribuída pelas professoras é mais elevada em sua média e mais consistente em seu desvio do que a auto avaliação dos alunos.

A pesquisadora, ao analisar individualmente, observou crianças que alcançaram a pontuação máxima em ambos os casos. Além disso, os escores médios indicaram que o instrumento foi fácil para os alunos estudados, sugerindo que apresentaram uma boa motivação extrínseca e intrínseca.

A Tabela 13 evidencia o quadro geral das médias gerais para Motivação Extrínseca e Intrínseca, respectivamente MEG e MIG.

TABELA 13 – Média geral da MEG e MIG

	N	MÍNIMO	MAXIMO	MÉDIA	DESVIO
MEG	89	1,13	2,75	1,6124	0,43508
MIG	89	1,00	3,00	2,6019	0,33536

Fonte: Elaborada pela autora

As médias gerais foram calculadas a partir do somatório das variáveis e posteriores divisões pelo número de variáveis. Assim, a MEG foram somadas as (ME1 + ME2 + ME3 +

ME4 + ME5 + MR6 + ME7 + ME8) dividido por 8 e MIG (MI9 + MI10 + MI11 + MI12 + MI13 + MI14 + MI15) dividido por 7.

A média geral da MEG foi 1,6124 e o desvio 0,43508, enquanto que a MIG teve média geral de 2,6019 e desvio de 0,33536.

Com isso foi possível evidenciar que os alunos pesquisados apresentam uma maior MI do que ME. Bem como a consistência de tais dados é refletida em um desvio padrão menor (0,3336) para MI.

5.4 Correlação entre as variáveis

O termo correlação significa relação em dois sentidos (co + relação) e é usado em estatística para designar a força que mantém unidos dois conjuntos de valores. A verificação da existência e do grau de relação entre as variáveis é o objeto de estudo da correlação.

Para fins da presente análise utilizou-se o coeficiente de Pearson para avaliar se as motivações intrínsecas e extrínsecas se relacionam com a avaliação/nota desempenho dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan.

Para Hair (2010), o coeficiente de correlação de Pearson identifica o grau de relação entre as variáveis, variando de -1 a +1. Evidencia-se que valores próximos a +1 apontam para um forte grau de relacionamento perfeito entre as variáveis. Já valores próximos a -1 indicam uma forte correlação negativa. Pode-se afirmar que:

Maior 0,6 correlação alta

Entre 0,6 e 0,3 correlação moderada

Menor 0,3 correlação baixa

TABELA 14 – Correlação das variáveis

		MEG	MIG	DE	NOTA
MEG	Pearson Correlation	1	-,116	-,126	-,159
	Sig. (2-tailed)		,281 89	,238 89	,137 89
MIG	Pearson Correlation		1	,475(**)	,310(**)
	Sig. (2-tailed)			,000	,003
DE	Pearson Correlation			89 1	89 ,305(**)
	Sig. (2-tailed)				,004 89
NOTA	Pearson Correlation				1
	Sig. (2-tailed)				

** A correlação é significativa ao nível de 0,01 (2-tailed)

Fonte: Elaborada pela autora

Observa-se que o ME não apresenta correlação com as demais variáveis, pois o sig é maior que 0,05. Já a MI, ao nível de sig 0,01 está correlacionada com DE e Nota. Com DE é uma correlação de 0,475, isto significa uma correlação moderada de maneira positivas. Já a correlação entre DE e Nota é moderada

Neste estudo a ME não apresentou correlação significativa com as demais dimensões de análises.

Foi possível observar nas análises anteriores (distribuição de frequência, médias e desvios) que os valores de ME dos alunos participantes da pesquisa eram muito baixos, ou seja, não são motivados por fatores externos em termos gerais.

Quanto a dimensão MI, essa apresentou correlação tanto com o desempenho como com a nota atribuída do professor. A maior correlação foi entre MI e DE ($y = 0,475$; $p < 0,01$) e, posteriormente, entre MI e Nota ($y = 0,310$ e $p < 0,01$).

Ambas as correlações são consideradas moderadas e positivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedagogos e psicólogos reforçam a importância da motivação nas atividades de ensino e o seu estudo pelo educador representa uma necessidade reconhecida, principalmente em escolas democráticas, nas quais os conteúdos e os métodos da educação devem, sempre que possível, respeitar as características individuais dos alunos. No entanto, quando se pensa em motivação para a aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar. De forma geral, as tarefas e atividades proporcionadas no ambiente escolar estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas.

Devido a tais características elencadas, autores como Brophy (1983) e Bzuneck (2002) acreditam que aplicar conceitos gerais sobre motivação humana no ambiente escolar não seria muito apropriado sem considerar a singularidade desse ambiente.

Pela pesquisa realizada, pode-se afirmar que na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan vivencia-se a motivação tanto intrínseca quanto extrínseca, ambas interferindo de alguma maneira no processo de ensino-aprendizagem. A primeira, aparentemente, por acontecer de forma encoberta na qual as necessidades são internas, muitas vezes esquecidas ou adormecidas, em virtude do ritmo de vida que se tem, e que acabam sendo desconsideradas diante da presença de alteração do comportamento dos alunos.

A segunda, aquelas necessidades exteriores, permitindo reações diferenciadas das normais, por serem geralmente, em particular, casos isolados, quase sempre se fecha os olhos. Talvez por comodidade ou por falta de competências essenciais a fim de minimizar essas questões empíricas e significativas que podem contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos.

O objetivo, enquanto pesquisadora e gestora da escola na qual se realizou a pesquisa, é a garantia dos meios para aprendizagem efetiva e significativa dos alunos. Entendendo que o aluno não aprende apenas na sala de aula, mas na escola como um todo. Faz-se necessário que a escola seja, em seu conjunto, um espaço favorável à aprendizagem.

Deve-se ver o aluno como um ser global que deve desenvolver-se harmoniosa e equilibradamente nos aspectos: físico, mental, emocional, social, moral, estético, político, educacional e vocacional.

Para que se possa cumprir a tarefa, deve-se manter, junto aos alunos, o melhor relacionamento possível, conquistando a sua simpatia e mostrando interesse por seus problemas, procurando sempre ajudá-los.

É importante que se estude a realidade do aluno e que esta realidade seja trazida para dentro da escola, colaborando assim para um desenvolvimento harmonioso, para um valorizar da criatividade e das potencialidades deste aluno.

E, para que os alunos aprendam a manejar as ideias básicas e não só os rótulos, precisa-se propor situações de aprendizagens incentivando-os a pensar por si mesmos contextualizando os conhecimentos. É um novo enfoque pedagógico, em que não só se trabalhe conteúdos para que sejam memorizados, mas sim desperte o aluno para a construção de sua cidadania. Não basta mais informar sobre os significados contidos nas disciplinas, o essencial é trabalhar os valores que tais conhecimentos representam na formação de um cidadão do mundo. O trabalho com valores não cabe a um professor/educador específico, mas a toda a unidade escolar, a todo o momento.

A análise dos resultados evidenciou que existe uma relação entre a motivação e o desempenho escolar, concluindo-se que os alunos intrinsecamente motivados apresentam melhor desempenho do que os alunos extrinsecamente motivados

Há muitos alunos que apesar de revelarem uma boa capacidade intelectual e de aprendizagem, obtêm resultados muito baixos no seu desempenho escolar. O que falta a estes alunos não é a capacidade, mas a motivação. A relação entre a motivação e o desempenho escolar é evidente, pois sem motivação não há aprendizagem, o que equivale a dizer, que a motivação é condição necessária para haver aprendizagem.

No que tange a importância desse estudo cumpre ressaltar que o instrumento foi inicialmente desenvolvido como uma ferramenta de pesquisa e pode ser de grande valia nos estudos direcionados ao contexto educacional. Por se tratar de uma preocupação muito presente no contexto escolar, pesquisas nesta área deveriam ser intensificadas para que se pudesse conhecer melhor o perfil dos alunos e suas orientações motivacionais, proporcionando um ensino que possa se aproximar mais do aluno com vistas a melhorar o aprendizado dos mesmos.

Como observado na revisão de estudos, o Brasil apresenta uma lacuna no que diz respeito a estudos sobre a relação entre a motivação e desempenho escolar, bem como uma discussão mais extensiva sobre o tema. Também são poucos os instrumentos psicométricos para mensurar a motivação para a realização acadêmica de crianças e adolescentes. E os

poucos instrumentos nacionais disponíveis na literatura são, em sua maioria, projetivos, sendo uma parcela ainda menor desses que fornecesse avaliações mais objetivas da motivação.

Embora os professores apontem com bastante veemência a motivação como um dos pilares do ensino e identifiquem a sua ausência nos alunos, esta tem sido muito pouco investigada. Os estudos tem se centrado basicamente na discussão teórica do tema e poucos dados empíricos estão disponíveis na literatura nacional.

Pretende-se com este estudo possibilitar que esta discussão se coloque de forma mais presente no panorama escolar, contribuindo desta maneira para que essas questões possam se configurar como prioridade, juntamente com outras, nas discussões educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMINI, C. W. e CODA, R. **Psicodinâmica da Vida Organizacional**. 2. ed. São Paulo. Atlas, 1995.

BERGAMINI, C. W. **Motivação nas Organizações**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 1997.

BORUCHOVITCH, E. **A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2754/2102>> Acesso em: 20.03.2012.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno**. Contribuições da Psicologia contemporânea. Petrópolis. Vozes, 2001.

BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2 (2), 361-367. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200008> Acesso em: 20.03.2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Brasília. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

BZUNECK, J. A. O Esforço nas Aprendizagens Escolares: Mais do que um problema motivacional do aluno. **Revista Educação e Ensino – USF**, 6, 7-18. 2001.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1930552-motiva%C3%A7%C3%A3o-aluno-aspectos-introduct%C3%B3rios/>> Acesso em: 20.03.2012.

CÂMARA, R. A. **Motivação intrínseca e extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula**. 2005. Disponível em: <www.zemoleza.com.br>.

CHIAVENATO, I. **Recursos humanos**. São Paulo. Atlas, 2005.

_____. **Gestão de pessoas: o novo papel dos RH nas organizações**. São Paulo. Atlas, 1999.

CHURCHILL, G. A.; IACOBUSI, D. **Marketing research: methodological foundations**. 10. ed. Mason, Ohio: South-Western Thompson Learning, 2009.

ELÓI, J. **Motivação Extrínseca vs Intrínseca**. 2012. Disponível em: <www.psicologiafree.com/areas-da.../motivacao-extrinseca-vs-intrinseca/>. Acesso em: 20.03.2012.

GUIMARÃES, S. É. R.; BZUNECK, J. A.; SANCHES, S. F. **Psicologia educacional nos cursos de licenciatura: a motivação dos estudantes**. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/6-1.pdf>>. Acesso em: 20.03.2012.

GUIMARÃES, S. É. R. e BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17 (2), 143-150. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22466.pdf>>. Acesso em: 20.03.2011.

HAIR, J. F.; TATHAM, R. L.; ANDERSON, R. E.; BLACK, W. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

HAIR, Jr; BLACK, W. C; BABIN, B. J; ANDERSON, R. E e TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analysis**. 6. ed. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2010.

LIMA, S. V. **A importância da motivação no processo de aprendizagem**. Disponível em: <<http://espacoescolar.com.br/geral/a-importancia-da-motivacao-no-processo-da-aprendizagem/2000-2011>>. Acesso em: 20/03/2011.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARTINELLI, S. C.; BARTHOLOMEU, D. **Escala de Motivação Acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712007000100004&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 22.02.2013.

MARTINELLI, S. C.; GENARI, C. H. M. Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais. **Estudos de Psicologia**, vol. 14, ano. 1. Natal: Jan./abr. 2009.

NEVES, E. R. C. & BORUCHOVITCH, E. Construção e análise de um instrumento para avaliar as orientações motivacionais de estudantes brasileiros. In: MACHADO, C.; ALMEIDA, L.; GONÇALVES, M. & RAMALHO, V. (Org.). **Avaliação Psicológica: Formas e Contextos** (pp. 79-86). (2004) Trabalhos completos de comunicações científicas, X Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga: Psiquilíbrios Edições.

NEVES, E. R. C. & BORUCHOVITCH, E. Escala de Avaliação da motivação para aprender de alunos do ensino fundamental (EMA). **Psicologia Reflexão e Crítica**, 20(3), 406-413. (2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000300008&script=sci_arttext> Acesso em: 20.03.2012.

NÓVOA, A. (Coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.

REGIS FILHO, G. I.; LOPES, M. C. **Estudo de Clima Organizacional em serviços ambulatoriais de saúde pública da Secretaria de Saúde de Itajaí – (SC). Segunda parte: perfil dos servidores NE nível de satisfação**. v. 15, n. 1, 2. Jan./dez. 1996.

BRASIL, **Lei de Diretrizes. CNE/CEB, Resolução nº 4**, de 13 de julho de 2010 define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 833-841, 23 dez. 1996.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. Guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SIQUEIRA, L. G. G. & WECHSLER, S. M. Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. **Aval. psicol.** v. 5, n. 1, Porto Alegre, jun. 2006. Disponível em: psic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712006000100004.

SOUZA, F. M. A presença da figura materna como um fator facilitador e ou inibidor no processo de aprendizagem de crianças com dificuldades escolares. Centro Científico Conhecer, Goiânia, **Enciclopédia Biosfera** N.07, 2009, ISSN 1809-0583511. 2008.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro. Kennedy, 1974.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES
PÚBLICAS
LINHA DE PESQUISA: INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA
GESTÃO PÚBLICA**

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, da E.M.E.F. Padre Gabriel Bolzan, estou ciente de que o projeto intitulado “ A relação entre a motivação e desempenho escolar em alunos do ciclo de alfabetização” sob a coordenação de Prof^ª Dr^ª Luciana Flores Battistella, da Universidade federal de Santa Maria e da aluna Rosecler Requia, mestranda d UFSM, desenvolvido nesta escola no mês de julho, incluirá coleta de dados (entrevista) com o meu/minha filho/filha. Estou ciente também de que este projeto passou por uma avaliação criteriosa feita por uma comissão designada pela Direção da UFSM cujo objetivo foi o de garantir o uso adequado e ético das informações e imagens salvaguardando os direitos e integridade dos envolvidos no referido projeto.

Santa Maria _____ de _____ de 2014.

ANEXO B – Entrevista

IDADE: _____

ANO/SÉRIE: _____

TURNO: _____

MENINA ()

MENINO ()

PINTE O DESENHO DE ACORDO COM SUA RESPOSTA:



ME1	1. Eu só faço as tarefas escolares para não ficar de castigo.			
ME2	2. Eu só me sinto feliz quando sou o melhor da classe.			
ME3	3. Eu só faço as tarefas para que a professora não fique brava comigo.			
ME4	4. Eu tento ir bem na escola para agradar os meus pais.			
ME5	5. Eu gosto de fazer bem minhas tarefas para agradar minha professora.			
ME6	6. Eu só faço minhas tarefas porque a professora pode me deixar sem recreio.			
ME7	7. Eu preciso de alguém que me ajude para fazer meu trabalho da escola.			
ME8	8. Quando a professora me elogia, eu consigo fazer melhor a atividade.			
MI1	9. Eu gosto de ir à escola.			
MI2	10. Eu gosto de estudar, por isso me esforço na escola.			
MI3	11. Consigo fazer melhor as atividades que são interessantes. (bem legal)			
MI4	12. Gosto de conversar com alguém em casa o que tenho que fazer para ir bem na escola.			
MI5	13. Quando uma tarefa é difícil, eu tento fazer sozinho, e se não consigo, peço ajuda.			
MI6	14. Gosto de aprender coisas novas.			
MI7	15. Eu me sinto feliz como estou indo na escola.			
DE	Agora, você irá dizer o quanto você está indo bem na Escola.			